

# TEMA

Discussão da paisagem e do planejamento como elemento para o desenvolvimento do turismo no litoral de Laguna e Jaguaruna – SC.

# PALAVRAS-CHAVE

Turismo, paisagem, litoral, planejamento, sustentabilidade.

Monografia apresentada para a disciplina de Trabalho Final de Graduação I, do Curso de Arquitetura e Urbanismo, na Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), como requisito parcial para a obtenção do diploma em Arquitetura e Urbanismo.

Acadêmica: Liliana dos Santos Rosa  
Orientador: Maurício Pamplona

Criciúma, junho de 2021

# AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus pela vida e pela oportunidade de poder realizar a graduação em Arquitetura e Urbanismo.

À minha família, meus pais e meu irmão que sempre me apoiaram e vibraram junto comigo nas conquistas e estiveram esses anos todos me apoiando e me orientando.

Ao meu namorado que sempre ouve minhas queixas e me incentiva a continuar, me mantendo em paz e motivada.

Aos meus amigos que também contribuem para o meu crescimento me proporcionando bons momentos.

Aos meus professores do curso por todo o aprendizado passado nestes anos, em especial ao meu orientador Maurício Pamplona, por toda orientação e empenho no desenvolvimento deste trabalho.

# SUMÁRIO

## 1

### APRESENTAÇÃO DO TEMA

INTRODUÇÃO	06
PROBLEMÁTICA + JUSTIFICATIVA	07
OBJETIVOS	09
METODOLOGIA	10

## 3

### CONTEXTUALIZAÇÃO

ESCALAS	44
ASPECTOS GERAIS	44

## 4

### ANÁLISE DA ÁREA

O ENTORNO DO FAROL DE SANTA MARTA	46
CRESCIMENTO URBANO E GESTÃO AMBIENTAL URBANA	48
O IMPACTO DO TURISMO NA COMUNIDADE	52

## 2

### FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

PAISAGEM: CONCEITUAÇÃO	10
A PAISAGEM CULTURAL	10
A PAISAGEM CULTURAL REGIONAL	14
ESCALA REGIONAL	16
ROTAS TURÍSTICAS	18
A RODOVIA COMO ELEMENTO DE LIGAÇÃO DA PAISAGEM: Parte Estruturadora da Proposta	19
As aberturas visuais na paisagem	20
UNIDADES DE PAISAGEM	22
TURISMO: Conceituação	24
TURISMO E SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL	24
PLANEJAMENTO E POLÍTICAS DE TURISMO NO BRASIL	26
Planejamento e políticas de turismo em Jaguaruna e Laguna	26
O PLANEJAMENTO DA PAISAGEM PARA O TURISMO	27
TIPOS DE TURISMO POTENCIAIS PARA A ÁREA	28
Turismo Rural	28
Turismo Cultural	29
Turismo de Esporte e Aventura	29
Turismo de Sol e Praia	30
Turismo Ecológico/Ecoturismo	30
Turismo de Paisagem	31
A ROTA DAS DUNAS	31
Diretrizes	32
Mapeamento de pontos turísticos	33
Descrição dos pontos turísticos propostos	36
ZONAS COSTEIRAS E SUSTENTABILIDADE	40
PLANO DE MANEJO DA APA DA BALEIA FRANCA	40
Zoneamento	41

# SUMÁRIO

5

## DEFINIÇÃO DO RECORTE

CONTEXTUALIZAÇÃO	54
ZONEAMENTO	55
ANÁLISES E CONDICIONANTES	56
Requalificação do recorte da Cigana	59
TERRENOS PROPOSTOS	63

7

## PARTIDO

70

6

## REFERENCIAL ARQUITETÔNICO

POUSADA ECOLÓGICA WITKLIPFONTEIN	68
VENEZUELA: PROTÓTIPO DE HABITAÇÃO PARA PESCADORES	69

8

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

82

9

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

83





Figura 01: Farol de Santa Marta  
Fonte: Hiperfm – adaptado pela autora

# INTRODUÇÃO

Os municípios de Jaguaruna e Laguna possuem uma conexão direta pela SC-100 marcada pela paisagem das atividades rurais, dunas, vegetação de restinga, lagoas e praias, que se distribuem na faixa costeira. A zona costeira é uma área de grande importância, tanto pela sua riqueza de ecossistemas, recursos naturais e paisagens, quanto pela diversidade de atividades econômicas.

Sendo assim, a discussão da organização da paisagem costeira com foco em desenvolver o turismo da região é o objetivo principal deste trabalho, com um produto final de uma proposta de qualificação da paisagem por meio da rodovia que atua como elemento de conexão da mesma e parte estruturadora da proposta, promovendo atividades que reforcem a identidade local e valorizem a paisagem natural, com a implantação de um equipamento de hospedagem que terá como diretriz uma proposta sustentável e a inserção na paisagem.

O trabalho se estrutura, inicialmente, a partir de uma apresentação do tema, a problemática e justificativa, os objetivos a serem atingidos e metodologia estabelecida para alcançá-los. Posteriormente, tem-se a fundamentação teórica, na qual são abordados temas que estruturam a proposta. Em seguida, desenvolve-se a contextualização, abordando as escalas de projeto, características da área e, por fim, análises do recorte, referenciais arquitetônicos e bibliográficos.

# PROBLEMÁTICA + JUSTIFICATIVA

A falta de infraestrutura local que atenda a demanda turística e reorganize a paisagem costeira potencializando este ramo de atividade econômica, são as principais problemáticas que serão tratadas, onde atualmente, tem-se a rota litorânea apenas como rota de passagem. Questões ligadas ao planejamento físico-espacial do recorte deve ser abordado, visto que o panorama atual não utiliza do potencial paisagístico existente.

A utilização dos recursos naturais de uma região, assim como a fauna, a flora e a beleza de sua paisagem natural não pode ser a causa da própria deterioração. O planejamento e gestão dos municípios envolvidos precisam ser eficientes de maneira que protejam e valorizem o ambiente natural. A ausência de políticas públicas e o uso e crescimento desordenado do espaço acabam por modificar a paisagem costeira.

Segundo Yázigi (2002, p. 32) “não há paisagem sem um observador. A percepção visual é, desta forma, um condição fundamental para a existência cultural da paisagem.” A paisagem influencia diretamente na atividade turística, seja qual for o foco do turista. O turismo de observação deve ser abordado com maior enfoque, pensando nas questões de planejamento e políticas de turismo nos municípios de Jaguaruna e Laguna, buscando inserir a paisagem como elemento fundamental para o desenvolvimento turístico do litoral.

Considerando abordagens de Andrade (2008), vale ressaltar a importância da conscientização de projetistas em relação às análises e interpretações dos sítios, visando a necessidade de integração entre as novas edificações e a paisagem existente.





# PROBLEMÁTICA + JUSTIFICATIVA

O recorte a ser estudado apresenta características peculiares que merecem enfoque e são condicionadas pela relação com o mar e as lagoas, a vegetação de restinga sobre as dunas, o solo árido, os tons das dunas, os morros, pelos vestígios históricos extremamente ricos, porém ameaçados pela urbanização recente.

A associação dos aspectos naturais citados, junto aos aspectos culturais, sociais, os costumes da comunidade e a própria ocupação urbana, acabam por conformar a paisagem cultural, esta de grande relevância para o estudo deste trabalho.

Potencializar o turismo de uma região acaba por trazer diversos benefícios como aumento da economia, geração de empregos e expansão do mercado de trabalho, principalmente ligado à comunidade nativa, além de fortalecer outras atividades ligadas ao turismo.

Acerca das problemáticas pontuadas, busca-se com o presente trabalho final de graduação, discutir a respeito da paisagem e do planejamento como elemento para o desenvolvimento do turismo no litoral de Jaguaruna e Laguna, buscando organizar e estruturar a paisagem litorânea através da rodovia, identificando as unidades de paisagem e pontos turísticos potenciais de exploração e, atuando como fonte para o desenvolvimento da atividade turística.

Consoante à isso, tem-se a intenção de desenvolver um projeto de arquitetura de um equipamento de hospedagem, que buscará se inserir na paisagem e ser elemento integrante desta.

Figura 03: Praia do Cardoso  
Fonte: Núcleo de Turismo – Adaptado pela autora



# OBJETIVOS

## OBJETIVO GERAL

Aplicar o estudo da paisagem cultural no desenvolvimento de planejamento de turismo para a área da Cigana (Laguna – SC), com o desenvolvimento do anteprojeto de um equipamento de hospedagem, com o intuito de preservar, valorizar e se inserir na paisagem.

## OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Diagnosticar os aspectos da paisagem regional no que concerne à cultura e ao turismo;
2. Caracterizar os principais elementos atrativos da paisagem local relevantes à um processo de planejamento;
3. Correlacionar as influências das diversas escalas que levam ao recorte da área da Cigana;
4. Estudar de forma mais aprofundada os elementos naturais e culturais da paisagem da área da Cigana;
5. Propor um anteprojeto focado em hospedagem para a área da Cigana.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Realizar levantamento bibliográfico, com pesquisas em livros, dissertações, teses, artigos e periódicos, que abordam temas relacionados à paisagem, os tipos de turismo, turismo e sustentabilidade, planejamento turístico, gestão de áreas costeiras, planejamento do turismo nos municípios de Jaguaruna e Laguna, que auxiliarão na compreensão do espaço e estudos para qualificação da Rota das Dunas.

1

## INTENÇÕES

A partir de análises de referenciais, auxiliares da produção da contextualização e compreensão do espaço, desenvolver uma proposta coerente com as potencialidades e deficiências encontradas, diagnósticos da paisagem, levantamento de dados, análise de condicionantes físico-espaciais, diretrizes de ordenamento da paisagem, programa de necessidades, implantação, forma, materialidade, funcionalidade e outros conceitos expostos na fundamentação teórica e levantamento e análise de dados.

3

## LEVANTAMENTO E ANÁLISE DE DADOS

Produzir análises e diretrizes projetuais a partir da realização de levantamento fotográfico e visita de campo, buscando compreender o espaço e a paisagem ao longo da rodovia que conecta os municípios de Laguna e Jaguaruna, para se apropriar das escalas macro e micro a serem trabalhadas, como também pesquisas documentais em órgãos públicos sobre as cidades, para auxiliarem na pesquisa, com dados fornecidos pelo Plano Diretor dos municípios, Plano de Manejo, história, arquivos fotográficos e políticas de turismo que servirão de embasamento para as análises e proposta.

2

## PROPOSTA

Qualificar o espaço através de um partido arquitetônico, com foco em hospedagem, como forma integrante da paisagem natural e cultural da área da Cigana (Laguna – SC), buscando organizar e estruturar a paisagem litorânea.

4

# FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2

## 2.1 PAISAGEM: CONCEITUAÇÃO

No século XIX, antes mesmo do surgimento da Geografia como disciplina, Alexander Von Humboldt, já discutiu sobre o conceito de paisagem, mas foi no final do século XIX que começa na Geografia um debate maior sobre o tema. (SCOFANO, 2012)

Os geógrafos acreditam que, embora o conceito tenha sido visto por diversas vertentes de pensamento diferentes, o conceito se relaciona com a relação dinâmica de elementos tanto físicos, biológicos, quanto relacionados às modificações antrópicas, não se relacionando apenas às questões naturais.

De acordo com Burle Marx (1981, apud MAXIMIANO, 2004, p. 87), com sua visão de arquiteto paisagista, relaciona a paisagem com questões mais ligadas à escala de detalhe, quando fala sobre o papel das plantas, porém relaciona o papel das plantas com o meio inserido, expondo seu conceito de paisagem.

Sauer (1925), considerado fundador da geografia cultural norte-americana, busca trazer o conceito de paisagem em duas vertentes: a paisagem natural e cultural, buscando romper com o conceito determinista existente.



“Os objetos que existem juntos na paisagem existem em inter-relação. Afirmamos que eles constituem uma realidade geral que não é expressa por uma consideração de suas partes constituintes separadamente; que a área tem forma, estrutura e função, e portanto tanta posição em um sistema, e que está sujeito a desenvolvimento, mudança e fim.” (SAUER, 1925, SCIFONI, 2016)

No entanto foi Schluter que desenvolveu a expressão paisagem cultural para conceituar o ambiente antropomorfizado, diferente da paisagem natural, livre dos impactos humanos. (RIBEIRO, 2007, p.18)

O conceito de paisagem não se trata de unidades separadas, como se existissem por si só, mas partes que compõem a paisagem. A paisagem é a organização de aspectos naturais, culturais, sociais, entre outros diversos aspectos estruturados.

Paisagem está relacionada também ao olhar de cada um sobre determinado espaço ou lugar, de acordo com suas próprias percepções. É o que revela diversos aspectos de um local, como a história, a cultura, o social, econômico, entre outros.

## 2.2 A PAISAGEM CULTURAL

Segundo Fowler (2003, apud RIBEIRO, 2007, p. 48), o Comitê de Patrimônio Mundial, conceitua paisagem cultural com sendo a relação entre a cultura e o meio natural, entre as pessoas e seu ambiente. A percepção de paisagem cultural traz ideias de pertencimento, significado, valor e singularidade do lugar.



Figura 04: Lagoa da Cigana  
Fonte: Blog Farol de Santa Marta – adaptado pela autora

Anteriormente, as discussões sobre paisagem caracterizavam-na como sendo associada somente ao natural e ao belo e foi em 1980 que outras ideias passaram a contradizer este conceito, com visões de paisagem cultural como integradora do homem e a natureza.

Conforme Schifoni (2019) a paisagem cultural pode ser compreendida como sendo o conjunto espacial composto de elementos materiais construídos associados à morfologias e dinâmicas naturais vinculados à conteúdos e significados dados socialmente.

“De uma maneira geral, as paisagens culturais inscritas são caracterizadas, do ponto de vista geográfico, topográfico e funcional como montanhas, águas, áreas agrícolas e assentamentos habitados, incluindo cidades; ou, do ponto de vista intelectual, por seu significado histórico e/ou cultural, continuidade e tradição, religiosidade e estética.” (RIBEIRO, 2007, p. 49)

A UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) dividiu a paisagem em três categorias, que se referem à abordagem a ser analisada, como elementos arquitetônicos, paisagísticos, naturais, sociais, econômicos, culturais ou associações entre os elementos, conforme o quadro 01, extraído de Scofano (2012, p. 46) com base em conceitos da UNESCO e categorias de Ribeiro (2007, p. 43).

A Paisagem Cultural Associativa está claramente relacionada com o tema em estudo no qual, conforme o quadro 01, deriva de associações entre o ambiente natural e outros elementos, que quando relacionados, caracterizam a paisagem cultural.

CATEGORIA*	DEFINIÇÃO	SUBCATEGORIA*	DEFINIÇÃO
(i) <b>Paisagem Claramente Definida</b>	Criada intencionalmente. Abrange jardins e parques construídos por motivos estéticos, podendo estar associados a fins religiosos ou a conjuntos e construções monumentais.		
(ii) <b>Paisagem Evoluída Organicamente</b>	Resultado de um imperativo social, econômico, administrativo e/ou religioso desenvolvido pela associação com o meio natural. Reflete o processo de evolução das formas e elementos constitutivos da paisagem.	<b>Paisagem Relíquia ou Fóssil</b>	Paisagens onde o processo evolutivo foi encerrado em algum momento do passado, mas ainda se verificam características materiais significantes
		<b>Paisagem Contínua</b>	Paisagem que conserva papel social ativo na sociedade contemporânea, estando ligada a modos de vida tradicionais e em processo de evolução.
(iii) <b>Paisagem Cultural Associativa</b>	Deriva de associações entre o ambiente natural e elementos religiosos e culturais, materiais ou não.		

Quadro 01: Categorias de paisagem cultural  
Fonte: Scofano (2012, p. 46)



## 2.3 A PAISAGEM CULTURAL REGIONAL

A paisagem cultural da área em estudo é marcada por uma forte relação do homem com a natureza. A pesca artesanal acontece em praticamente todo o recorte e marca fortemente a paisagem. A arquitetura dos galpões, o píer para pesca, o próprio farol, os molhes e a atividade por si caracteriza o local e são potenciais para a demanda de turistas que se deslocam para vislumbrar a integração da paisagem natural com o homem na região.

Além destes, ressalta-se a importância da preservação de espaços existentes na área que abrigam grandes sítios arqueológicos e que compõe a paisagem cultural.

A paisagem atua como resultado temporal da interação do homem com o meio, que aliados produzem experiências, formas, culturas, como também os vestígios da história dos lugares.

“A paisagem nada tem de fixo, de imóvel. Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança, a economia, as relações sociais e políticas também mudam, em ritmos e intensidades variados. A mesma coisa acontece em relação ao espaço e à paisagem que se transforma para se adaptar às novas necessidades da sociedade.” (SANTOS, Milton, 1997, p. 37)



Figura 05: Pesca nos Molhes de Laguna  
Fonte: André de Luca



Figura 06: Paisagem cultural do Farol de Santa Marta  
Fonte: André de Luca



Figura 07: Sambaquis – Praia da Garopaba Sul (SC)  
Fonte: RCN notícias



Figura 08: Pesca na Lagoa da Cigana  
Fonte: Guilherme Couto



Conforme instituído pela Lei Nº 7.661, de 16 de maio de 1998, o Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro (PNGC), o Item III ressalta claramente a importância da conservação de ambientes caracterizados como paisagem cultural, onde o Artigo 3º estabelece que o PNGC deverá prever o zoneamento de usos e atividades na Zona Costeira e dar prioridade à conservação e proteção, entre outros, dos seguintes bens:

I - recursos naturais, renováveis e não renováveis; recifes, parcéis e bancos de algas; ilhas costeiras e oceânicas; sistemas fluviais, estuarinos e lagunares, baías e enseadas; praias; promontórios, costões e grutas marinhas; restingas e dunas; florestas litorâneas, manguezais e pradarias submersas;

II - sítios ecológicos de relevância cultural e demais unidades naturais de preservação permanente;

III - monumentos que integrem o patrimônio natural, histórico, paleontológico, espeleológico, étnico, cultural e paisagístico.

A análise da paisagem da área permite perceber a necessidade de diagnósticos pontuais, de particularidades do recorte para compreensão dos valores paisagísticos culturais.



Figura 09: Praia do Cardoso  
Fonte: Núcleo de Turismo



Figura 10: Praia do Cardoso  
Fonte: Núcleo de Turismo



## 2.4 ESCALA REGIONAL

Os municípios de Laguna e Jaguaruna, de análise deste estudo, se localizam na região Sul de Santa Catarina e ambos compõe a região da Associação de Municípios da Região de Laguna (AMUREL). Conforme dados do IBGE (apud BONETTI, 2011) o litoral catarinense é composto por 36 municípios, com uma população estimada de 2.248.457 habitantes e uma área total de 9.094,4 km<sup>2</sup>, o que corresponde a 531 km de extensão e 7,2% do litoral brasileiro.

De acordo com dados do IBGE (2020) Laguna tem uma população estimada de 46.122 habitantes, com área total de 333,260 km<sup>2</sup> enquanto o município de Jaguaruna conta com uma população estimada de 20.288 habitantes, com uma área total de 326,362 km<sup>2</sup>.

“No Estado de Santa Catarina aproximadamente 68% da população vive no litoral, local que concentra conflitos entre as atividades turística, pesqueira, portuária e de áreas de proteção/conservação ambiental e cultural.”(MMA, 2018).



Figura 11: Mapa do Brasil com localização do Estado de Santa Catarina  
Sem escala  
Fonte: Autoral



Figura 12: Mapa de Santa Catarina com localização da região da AMUREL  
Sem escala  
Fonte: Autoral

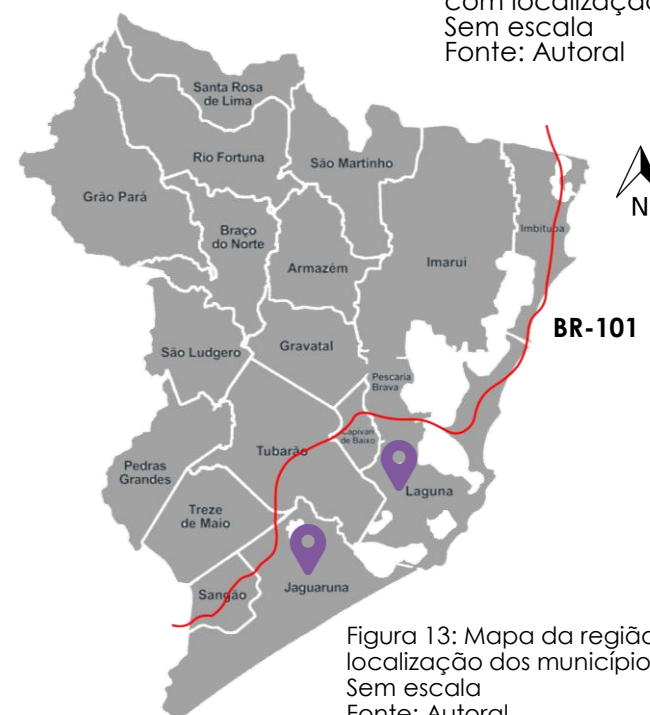


Figura 13: Mapa da região da AMUREL com localização dos municípios de estudo  
Sem escala  
Fonte: Autoral

A área de estudo correspondente à escala regional compreende uma área estabelecida a partir do Farol de Santa Marta, que engloba desde a Lagoa da Enseada (pertencente ao município de Jaguaruna) até os Molhes da Barra (Laguna), buscando compreender a relação da paisagem a partir da rodovia, analisando as questões físico-espaciais e partindo, posteriormente para uma escala aproximada do entorno do Farol de Santa Marta, com análises aprofundadas do recorte da Cigana e, por fim, a escala de anteprojeto no recorte.

### LEGENDA

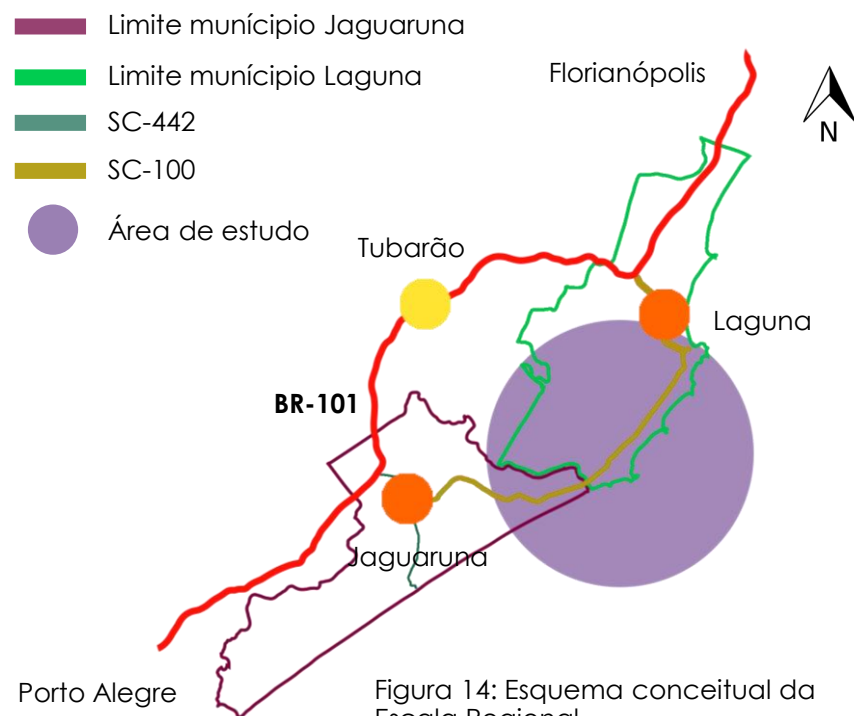


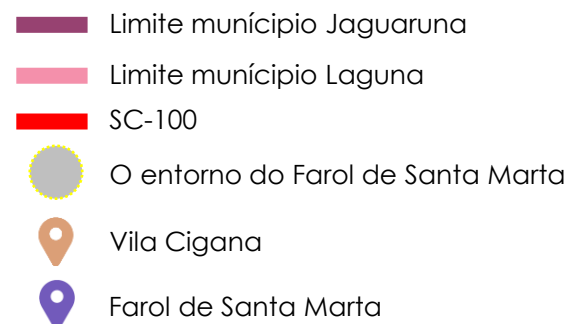
Figura 14: Esquema conceitual da Escala Regional  
Sem escala  
Fonte: Autoral



0 3 6 km

Figura 15: Escala Regional – um estudo da paisagem  
Fonte: Google Earth, 2021 – Adaptação da autora

### LEGENDA



## 2.5 ROTAS TURÍSTICAS

Pode-se definir rota turística como sendo uma estrada ou um caminho que percorre um determinado trajeto e que busca organizar os atrativos turísticos de determinadas áreas, desde as paisagens cênicas, naturais, culturais, assim como elementos atrativos construídos, como parques, restaurantes, locais de observação como paradores, mirantes que se articulam em um espaço previamente planejado. (DIETRICH, 2011)

Por sua riqueza natural e cultural, o Brasil possui diversas rotas turísticas, onde o Ministério do Turismo busca, através de diagnósticos destas rotas, busca melhorar a infraestrutura, trazendo mais conforto, segurança e qualidade para que atraia cada vez mais turistas e oportunize desenvolvimento no setor turístico, gerando mais empregos e melhora na economia.

O Estado de Santa Catarina, como um local rico em belezas naturais e tradições, possui algumas rotas turísticas, como: O Caminho dos Príncipes, Costa Verde & Mar, Caminho dos Cânions, Encantos do Sul (Figura 12), Rota da Baleia Franca, entre outras. Esta última, encontra-se as regiões em análise deste estudo, onde Laguna e Jaguaruna são um dos principais atrativos, pelas arquitetura que revela a história, os sítios arqueológicos, dunas, praias, entre outras belezas que conformam a paisagem cultural local.



Figura 16: Dunas como atrativo da rota turística Encantos do Sul  
Fonte: Ricardo Ribas

A rota estabelecida neste estudo foi a partir da Rodovia SC-100, que funciona como ligação dos municípios de Jaguaruna e Laguna e possui uma diversidade de atrativos turísticos a serem explorados.

Foi definida como “Rota das Dunas” por ter ainda, uma presença forte da paisagem formada a partir das dunas em praticamente toda a extensão da rodovia. Busca-se através da mesma potencializar as atividades turísticas que já existem e explorar o desenvolvimento do turismo a partir das questões da paisagem.





## 2.6 A RODOVIA COMO ELEMENTO DE LIGAÇÃO DA PAISAGEM: PARTE ESTRUTURADORA DA PROPOSTA

Kevin Lynch (1960) em sua reconhecida obra “A imagem da cidade”, menciona elementos da imagem da cidade, como sendo elementos naturais e construídos, como:



**VIAS**



**LIMITES**



**BAIRROS**



**NÓS**



**PONTOS NOTÁVEIS**

Os aspectos naturais como o relevo, a vegetação e os elementos construídos, como as áreas urbanizadas, rurais, os mirantes, pontos notáveis e outros elementos compõe a paisagem das vias. Os caminhos podem ou não valorizar a paisagem, dependendo da configuração da malha viária, pontos visuais e organização da paisagem.

No recorte, a rodovia é parte integrante da paisagem que funciona como um elemento de ligação das unidades de paisagem e atua como elemento estruturador da proposta.

Permeia todo o recorte e conecta os municípios de Jaguaruna e Laguna. A implantação da mesma potencializou o turismo na região, porém trouxe consigo a expansão urbana desordenada paralela à uma falta de planejamento da paisagem litorânea.



0 3 6 km

Figura 17: Mapa da recorte com localização da Rodovia  
Fonte: Google Earth, 2021– Adaptação da autora

### LEGENDA

- Limite município Jaguaruna
- Limite município Laguna
- Rodovia SC-100

De modo geral, as vias podem ser de grande potencial para o planejamento da paisagem para o turismo, onde o turista pode ao longo do trajeto aproveitar o visual da paisagem e ainda trazer o foco para outros atrativos turísticos ao longo da rodovia.

### 2.6.1 As aberturas visuais na paisagem

O levantamento fotográfico relacionado às aberturas na paisagem foi relevante para o estudo considerando a rodovia como elemento de conexão das mesmas e como condicionantes para um mapeamento de pontos específicos para exploração do turismo de paisagem e observação, tratando da rodovia não apenas como elemento de passagem, mas também de contemplação.



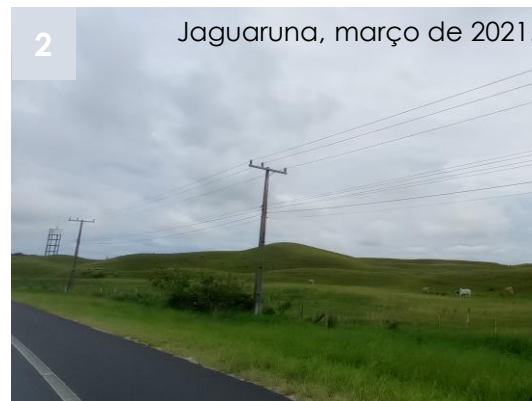
#### LEGENDA

- SC-100 – Rota das Dunas
- Aberturas na paisagem

Figura 18: Aberturas da paisagem  
Fonte: Google Earth, 2021 – adaptação da autora

0 4 8 km





Figuras 19 - 27: Levantamento fotográfico  
Fonte: Autoral



## 2.7 UNIDADES DE PAISAGEM



A área em análise possui uma diversidade de unidades de paisagem, composta, principalmente, pela presença de dunas, praias, lagoas, morros, sambaquis que, juntamente com as unidades de ocupações, compõem a paisagem natural e cultural da região, a partir da rodovia SC-100, que atua como eixo de conexão das unidades de paisagem.

### LEGENDA

-  Dunas
-  Praias
-  Vegetação densa
-  Atividade rural
-  Ocupações
-  Lagoas
-  Restinga
-  Morros
-  Sambaqui
-  SC-100

Figura 28: Mapa de Unidades de Paisagem  
Fonte: Google Earth, 2021 – Adaptação da autora

0 2 4 km



Figura 29: Dunas na Praia da Cigana  
Fonte: Autoral



Figura 30: Paisagem da praia da galheta  
Fonte: Tripadvisor



Figura 31: Vegetação densa na Praia do Gravatá  
Fonte: G1



Figura 32: Atividade rural ao longo da rodovia  
Fonte: Autoral



Figura 33: Ocupações no Farol de Santa Marta  
Fonte: André de Luca



Figura 34: Lagoa do Imaruí  
Fonte: Autoral



Figura 35: Restinga – Vegetação na Praia do Gravatá  
Fonte: Engeplus



Figura 36: Morros – Vista dos Molhes de Laguna (SC)  
Fonte: Autoral

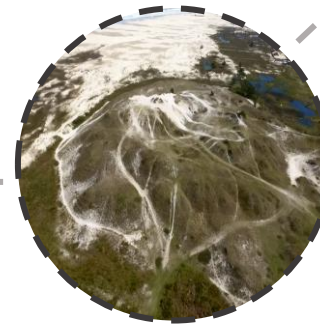


Figura 37: Sambaquis na Praia de Garopaba do Sul (SC)  
Fonte: Folha Regional WebTV

## 2.8 TURISMO: CONCEITUAÇÃO

Segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT), o turismo é definido como o que compreende “as atividades que as pessoas realizam durante viagens e estadas em lugares diferentes do seu entorno habitual, por um período inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras.”

A palavra Turismo deriva do latim tornus, que significa ação de movimento e retorno, e que dá origem a tornare, girar. No século XII, aparece no francês a palavra tour, com significado de “circuito, movimento circular” (DIAS e AGUIAR, 2002).

Cada vez mais as pessoas têm procurado seu próprio equilíbrio, buscando alternativas de se distanciar do ritmo acelerado do cotidiano, baseado em uma rotina de muito trabalho e estresse em que muitos se encontram. Em virtude disso, a atividade turística é um modo de dispersão, podendo ser de isolamento, de descanso, entre outros que dependo ramo da atividade turística procurada.

Classifica-se os municípios de Jaguaruna e Laguna com grande potencial turístico e o alto fluxo de turistas sazonal que movimentam a economia, no entanto sobrecarregam a infraestrutura básica dos municípios no verão, com problemas relacionados ao saneamento básico, coleta de lixo e abastecimento de água e luz. Além disso, aspectos ligados ao turismo de paisagem não são explorados, considerando o grande potencial pelas suas belezas naturais.

## 2.9 TURISMO E SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL

Cada vez mais o turismo vem ganhando força e movimentando a economia de diversas regiões, atividade qual tem causado impactos tantos positivos quanto negativos onde ocorrem mais fortemente e, o que tem despertado preocupação são questões relacionadas ao desenvolvimento do turismo, pelo seu grande impacto nos setores econômico, social, cultural e ambiental, este último com foco neste tema abordado. Reflexões sobre o turismo atrelado à sustentabilidade devem ser feitas, visto que pode trazer um grande impacto negativo quando pensado de forma desordenada.



Figura 38: Esquema turismo sustentável  
Fonte: Viajar Verde



O planejamento e gestão dos municípios envolvidos precisam ser eficientes com a finalidade de proteger o ambiente natural, para que a utilização dos recursos naturais da região não sejam a causa da própria deterioração. De acordo com Drumm e Moore (2005 apud ALMEIDA; ABRANJA, 2009) se o equilíbrio natural e ecológico não for considerado nos empreendimentos do setor turístico, este setor de atividade estará em risco.

O conceito de sustentabilidade tem se tornado requisito base quando pensadas questões turísticas relacionados à competitividade no mercado. Operadores de turismo e turistas têm optado cada vez mais por produtos .



“Diretrizes e gestão de desenvolvimento de turismo sustentável práticas são aplicáveis a todas as formas de turismo em todos os tipos de destinos, incluindo turismo de massa e os vários nichos de turismo segmentos. Princípios de sustentabilidade referem-se ao meio ambiente, aspectos econômicos e socioculturais do desenvolvimento do turismo, e um equilíbrio adequado deve ser estabelecido entre essas três dimensões para garantir a sua sustentabilidade a longo prazo.” (OMT, 2003) - Traduzido pelo Google Tradutor

Almeida (2005), conclui então que, os ingredientes fundamentais para o turismo sustentável resume-se em cinco pontos:



Educar os turistas para usufruir da oferta local, defendendo-a;



Proteger as áreas naturais, incentivando os visitantes e os residentes a fazê-lo também, para que percebam a importância local da simbiose turismo/ambiente;



Gerar rendimentos, para que se promova uma maior protecção dos recursos turísticos e, consequentemente, mais empregos e maior rendimento para os habitantes locais;



Participar é fundamental, não só dos residentes mas de todos os intervenientes, para que sintam o turismo como parte de si;



Qualidade da experiência turística, no sentido de praticar as boas práticas e saber como actuar em prol do turismo sustentável.

## 2.10 PLANEJAMENTO E POLÍTICAS DE TURISMO NO BRASIL

De acordo com Carvalho, Costa e Silva (2013), o turismo funciona como uma oportunidade de aumento das receitas, não só para o país, mas como para a população e, portanto, os esforços para promover e estruturar essa atividade tem como consequência o desenvolvimento socioeconômico para todos.

Em 1938 surgem os primeiros indícios de intervenção do Estado ligado à atividade turística, com o Decreto-Lei Nº 406, o qual estabelecia autorização governamental para a atividade de venda de passagens aéreas, marítimas e rodoviárias. Até o ano de 1940, quando a Divisão de Turismo foi extinta, alguns decretos foram estabelecidos buscando organizar o setor de turismo no Brasil. Apenas em 1958 foi criada a Comissão Brasileira de Turismo (COMBRATUR) e extinta em 1962. Logo em 1966 foi criado o Conselho Nacional de Turismo e a Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR), com o objetivo de executar as diretrizes que norteavam a atividade de turismo.

Somente no ano de 2003, com a chegada do presidente Luís Inácio Lula da Silva, criou-se o Ministério do Turismo (MTUR), composto pela Secretaria de Políticas de Turismo, a Secretaria de Programas de Desenvolvimento e o Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR).

O objetivo principal do Ministério do Turismo é desenvolver o turismo como atividade econômica sustentável, com papel importante na geração de empregos e proporcionar a inclusão social.

Trata-se de um programa de gestão descentralizado, orientado pelo pensamento estratégico. Dito isso, cabe à organização do MTUR promover o desenvolvimento deste ramo de atividade, monitorar e traçar políticas públicas que façam com que as cidades e os cidadãos sejam cada vez mais beneficiados com o turismo.

### 2.10.1 Planejamento e Políticas de Turismo em Jaguaruna e Laguna

O municípios de Jaguaruna e Laguna, especificamente no recorte em estudo, trazem consigo diversos atrativos turísticos, marcados principalmente pela paisagem natural, deslumbrada por dunas, praias, lagoas, assim como a paisagem cultural, onde Jaguaruna conta com mais de 50 sítios arqueológicos, assim como em Laguna, que foi palco de grande acontecimentos históricos que ainda refletem na paisagem local e, além disso, a cultura das comunidades pesqueiras marcam o local e são fortes atrativos turísticos.

Atualmente o município de Jaguaruna não mostra, de forma efetiva, grande interesse para com a atividade turística no município, sendo frágil e insuficiente para organizar o turismo na cidade. O município conta com a Secretária de Esporte, Turismo, Juventude e Eventos, que tem como objetivo principal planejar, promover, coordenar e executar a política de esporte e turismo do Município.

De acordo com a Prefeitura Municipal de Jaguaruna, na Lei nº 273/1973, outros objetivos são estabelecidos como, prestar assistência turística aos viajantes, favorecer o desenvolvimento da hotelaria, das diversões públicas de boas e atraentes casas comerciais, promover sinalização turística, questões ligadas à mobilidade e transporte público.

O município de Laguna conta com uma estrutura maior ligada ao desenvolvimento turístico, visto que possui fortes elementos atrativos de diversos segmentos na região que implicam em uma maior demanda de turistas. A paisagem natural, histórica e cultural da cidade é exuberante e atrai todos os anos muitos turistas.

Conta com a Secretaria do Turismo e Lazer e o Conselho Municipal de Turismo Lagunense que, conforme exposto na Lei nº 1610 de 02 de agosto de 2013, e:

“é órgão colegiado vinculado administrativamente à Secretaria Municipal responsável pela pasta do turismo, junto à qual exercerá funções propositivas, consultivas e fiscalizadoras, mobilizando entidades privadas e públicas do setor, para o fomento e o desenvolvimento de um turismo municipal sustentável e de qualidade, defendendo o acervo cultural lagunense e o meio ambiente, e contribuindo para o desenvolvimento sócio-econômico da cidade.”

## 2.11 O PLANEJAMENTO DA PAISAGEM PARA O TURISMO

Pode-se considerar que paisagem e turismo estão estreitamente ligados, visto que a paisagem surge como um fator de influência para a demanda de turistas, sendo, muitas das vezes, a principal finalidade da viagem. Conforme Oliveira, Rossini e Velasquez [s.d] muitas pessoas justificam suas viagens por interesse em vivenciar e conhecer novas paisagens.

O planejamento da paisagem é um processo complexo, dinâmico e racional para tomada de decisões e de caráter pluridisciplinar que deve considerar informações, potenciais e aptidões do meio ambiente e deve indicar soluções técnicas, econômicas, políticas, sociais e estéticas, considerando a conservação e gestão dos recursos naturais e o planejamento do uso da terra. (OREA, 1978 apud ROCHA, 2008, p. 22)

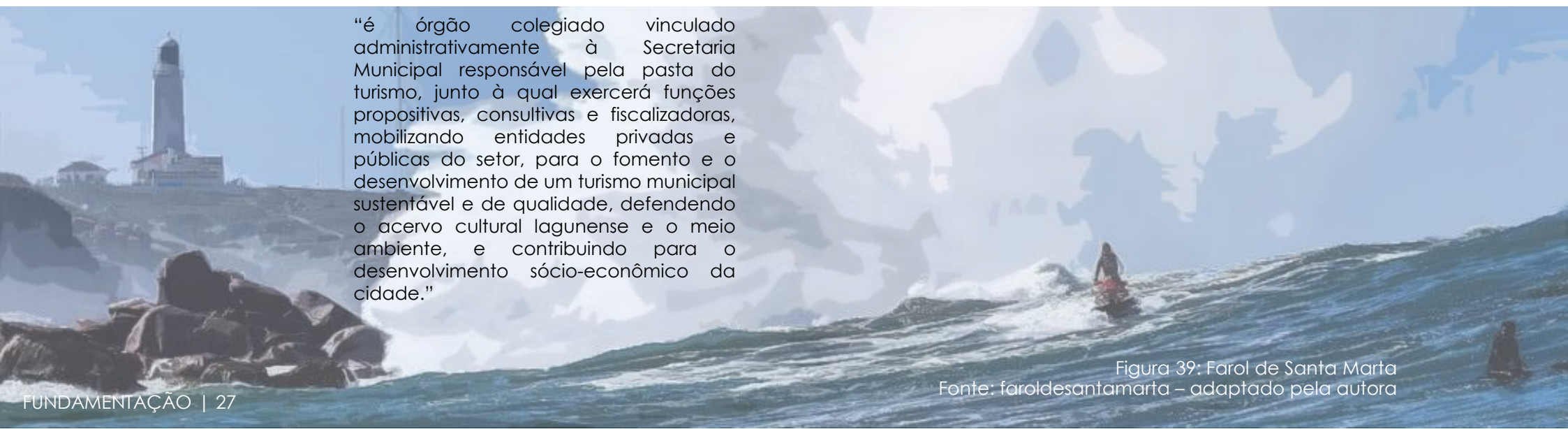


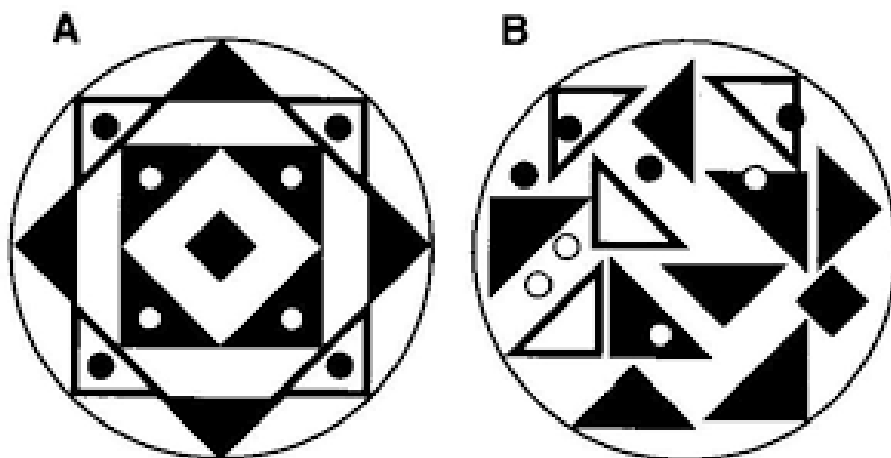
Figura 39: Farol de Santa Marta  
Fonte: faroldesantamarta – adaptado pela autora

Yázigi (2002) caracteriza a paisagem como sendo um dos motores fundamentais do turismo, considerando o turismo como de um dos setores de maior peso econômico e crescimento contínuo, onde é capaz de sustentar países que não possuem recursos para o desenvolvimento de outros setores.

A visão sobre a paisagem não pode ser compreendida de forma individualizada, pois os elementos devem aparecer conectados e estruturados.

De acordo com Bólos I Capdevila, (1992, apud Rocha, 2008, p. 21), a visão sistêmica presente na paisagem nunca deve ser reduzida à soma de seus elementos, uma vez que aparecem interligadas e estruturadas, conforme o esquema da Figura 40.

Figura 40: A paisagem, esquematicamente representada por A, nunca deve se reduzir à soma de seus elementos constituintes, representados em B



Fonte: (Rocha, 2008, p. 21), baseado em Bolós I Capdevila (1992)

## 2.12 TIPOS DE TURISMO POTENCIAIS PARA A ÁREA

### 2.12.1 Turismo rural

Segundo a Organização Mundial do Turismo (2010, p. 13), o Turismo Rural surgiu como atividade econômica em meados do século XX e a década de 1980. A Secretaria Nacional de Políticas de Turismo (p. 49) conceitua o Turismo Rural como sendo:

“o conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade”.

O turismo rural é bem abrangente e diversificado, podendo trazer atividades como hotéis fazendas, pousadas, compartilhar atividades do dia-a-dia rural, a cultura do campo, a gastronomia, entre outros. Jaguaruna conta com uma extensa área rural, que atualmente fortalece a economia da região

A paisagem da cidade se caracteriza fortemente pelas extensas áreas de produção agrícola e criação de gado.



Figura 41: Pousada fazenda Arlete – Jaguaruna (SC)

Fonte: iBooked



## 2.12.2 Turismo cultural

O Ministério do Turismo (2006, p. 13) conceitua como Turismo Cultural o que “compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura”.

A ligação entre a cultura e atividade turística deve acontecer assim que houver a compreensão das formas de caracterização e estruturação pertinentes ao segmento. O desenvolvimento deste segmento deve ocorrer com a valorização e promoção das culturas locais e regionais, com a preservação do patrimônio histórico e cultura, gerando oportunidade de negócios no setor. (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010)

Os municípios de Jaguaruna e Laguna possuem um forte potencial para o turismo cultural. Atualmente, a área em estudo possui aspectos importantes que marcam a cultura e história local, como a cultura da pesca e a presença dos sambaquis em Jaguaruna, que é considerada um santuário arqueológico com mais de 30 (trinta) sambaquis, possuindo um dos maiores sambaquis do mundo e que, atualmente, não tem seu potencial turístico cultural evidenciado.



Figura 42: Sambaqui em Jaguaruna (SC)  
Fonte: RCN – modificada pela autora

## 2.12.3 Turismo de esporte e aventura

O Ministério do Turismo (2010, p. 39) caracteriza Turismo de Aventura como o que “compreende os movimentos turísticos decorrentes da prática de atividades de aventura de caráter recreativo e não competitivo”.

Entende-se o Turismo de Aventura como uma atividade ligada ao Ecoturismo, mas que possui características estruturais e mercadológicas próprias. Seu crescimento vem trazendo um novo leque de ofertas, possibilidades e questionamentos, que quando compreendidos e bem explorados trazem viabilidade da oferta deste segmento com qualidade. (MTUR, 2006)

Atualmente algumas atividades ligadas a este segmento já se encontram na região, como o surfe nos mares agitados na Praia do Cardoso e da Cigana, em Laguna e da “Laje da Jagua”, como é comumente conhecida, a qual se trata de uma formação rochosa a cinco quilômetros do mar. Além destas, atividades como sandboard, explorando as dunas de até 60 metros de altura dos balneários e também atividades de cavalgadas que além de esporte e aventura, refletem a cultura local.



Figura 43: Sandboard em Jaguaruna (SC)  
Fonte: Município de Jaguaruna



## 2.12.4 Turismo de sol e praia

O Brasil conta com uma extensão de região costeira de mais de 8.500 quilômetros, onde o Turismo de Sol e Praia tem força, visto que o país contempla as mais belas paisagens naturais de costas litorâneas. Este segmento aparece na Europa em meados do século XVIII, partindo de princípios que o banho de mar era terapêutico e, inclusive, indicado pela medicina. O mar, o sal da água, o sol, a brisa e a paisagem das praias, funcionavam como fuga para o restabelecimento físico e mental da população nobre. (CORBIN, 1989, apud MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010, p.15)

De acordo com o Ministério do Turismo (2006, p. 43), “Turismo de Sol e Praia constitui-se das atividades turísticas relacionadas à recreação, entretenimento ou descanso em praias, em função da presença conjunta de água, sol e calor”.

As praias belíssimas e calmas marcam o recorte, onde se tornam o principal atrativo turístico na região. No entanto, o movimento turístico é massivo e sazonal, sobrecarregando a infraestrutura urbana e serviços, perdendo a qualidade ambiental. Além disso, em alguns pontos há um enfraquecimento de destinos turísticos que sejam significativos para a geração de renda e emprego.



Figura 44: Turismo na Praia do Cardoso  
Fonte: Surfj

## 2.12.5 Turismo ecológico/ecoturismo

Conforme destacado pela Secretaria Nacional de Políticas de Turismo (p.11) vale ressaltar que há uma diferença entre Ecoturismo e Turismo Sustentável. Segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT) e o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), o ecoturismo se trata de um segmento do turismo, enquanto o turismo sustentável “são aplicáveis e devem servir de premissa a todos os tipos de turismo em quaisquer destinos.” (2002, apud Secretaria Nacional de Políticas de Turismo).

A área de estudo possui uma diversidade em recursos naturais, como as praias, dunas, lagoas, áreas rurais, morros, áreas de preservação, o que torna de potencial para o segmento do ecoturismo na região, que irão valorizar e preservar estes recursos. Além disso algumas atividades no recorte já marcam esse tipo de turismo, como a presença das baleias francas em uma época do ano, que atrai diversos turistas, bem como as trilhas que existem na região e contemplam os mais belos visuais.



Figura 45: Observatório Baleias Francas – Laguna (SC)  
Fonte: Ministério do Turismo

## 2.12.6 Turismo de paisagem

De acordo com o Programa Ambiental: A Última Arca de Noé (2014), “a contemplação de paisagem é o caminho que possibilita a percepção e apreensão das informações subjetivas do conjunto harmônico das expressões sutis que emanam da paisagem. “

Á área em estudo possui ricos e diversificados elementos que compõe a paisagem litorânea, como as praias, dunas, lagoas, morros, além da paisagem cultural que deve ser explorada como atrativo turístico, marcado pelas atividades de pesca da comunidade nativa da região, assim como a paisagem observada ao longo da rodovia que funciona como elemento estruturador e de estudo deste trabalho final de graduação.



Figura 46: Paisagem cultural na área da Cigana – Laguna (SC)  
Fonte: faroldesantamarta.net



Figura 47: Barra do Camacho  
(Jaguaruna – SC)  
Fonte: Shutterstock.com

## 2.13 A ROTA DAS DUNAS

Considerando os aspectos locais, dando enfoque na questão da paisagem, conformada por aspectos naturais e construídos, condiciona-se um plano, por meio de intervenções, estratégias, equipamentos e outros espaços que, articulam-se a partir da rodovia e compõe a Rota da Dunas.

A Rota foi baseada em uma estrutura rodoviária pré-existente e nas análises realizadas. Busca qualificar e trazer maior foco para o turismo na região, para que possam desfrutar da paisagem sem utilizar da rodovia apenas como rota de passagem, mas como de observação. Além da paisagem, os elementos naturais e outros equipamentos integram-se, aumentam a oferta turística e fomenta a economia.

A Rota das Dunas ganhou este nome, pois a paisagem, principalmente das Dunas, é o visual marcante ao longo da rota. É proposto uma diversidade de equipamentos que se articulam com os existentes.

# DIRETRIZES



- 1 Organizar e estruturar os atrativos turísticos da rota por meio de pontos importantes existentes e propostos, como as paisagens naturais, culturais e elementos construídos, como parques, restaurantes, locais de observação, que se articulam;
- 2 Estabelecer uma conexão da paisagem e sua evolução com os visitantes e/ou residentes do local utilizando de propostas de mirantes e/ou parados conforme aberturas na paisagem a partir da rodovia;
- 3 Utilizar da comunicação visual para contar a história do processo de ocupação e configuração da paisagem, bem como informações de localização e informação;
- 4 Trazer espaços que funcionem não só como mirantes, mas como parados com espaços de convívio e lazer, com novos atrativos turísticos para a rota;
- 5 Criar, através dos mirantes, pontos de referência na Rota das Dunas, com mapas para localização e orientação;
- 6 Promover melhorias de infraestrutura rodoviária de forma que facilite o acesso aos pontos turísticos para os viajantes;
- 7 Incentivar o comércio local baseado em produtos fornecidos na comunidade, como artesanato, produtos caseiros e a pesca;
- 8 Trazer equipamentos e estratégias que façam com que os moradores se apropriem dos espaços condicionados pela rota;
- 9 Desenvolver a proposta de um equipamento que faça parte da rota e se insira na paisagem cultural, considerando os aspectos marcantes da mesma.



### 2.13.1 Mapeamento de pontos turísticos

Ao fazer o mapeamento de pontos turísticos, observa-se que, apesar de vários pontos existentes, poucos recebem um tratamento que potencialize as atividades, onde na maioria destes pontos é explorada apenas riqueza natural existente, como praias, dunas, observação das baleias, entre outros.

É mapeado então, pontos potenciais de turismo, baseado principalmente em turismo de paisagem/observação, focado na paisagem cultural, formada a partir de aspectos naturais com intervenção do homem ao longo do tempo no recorte.

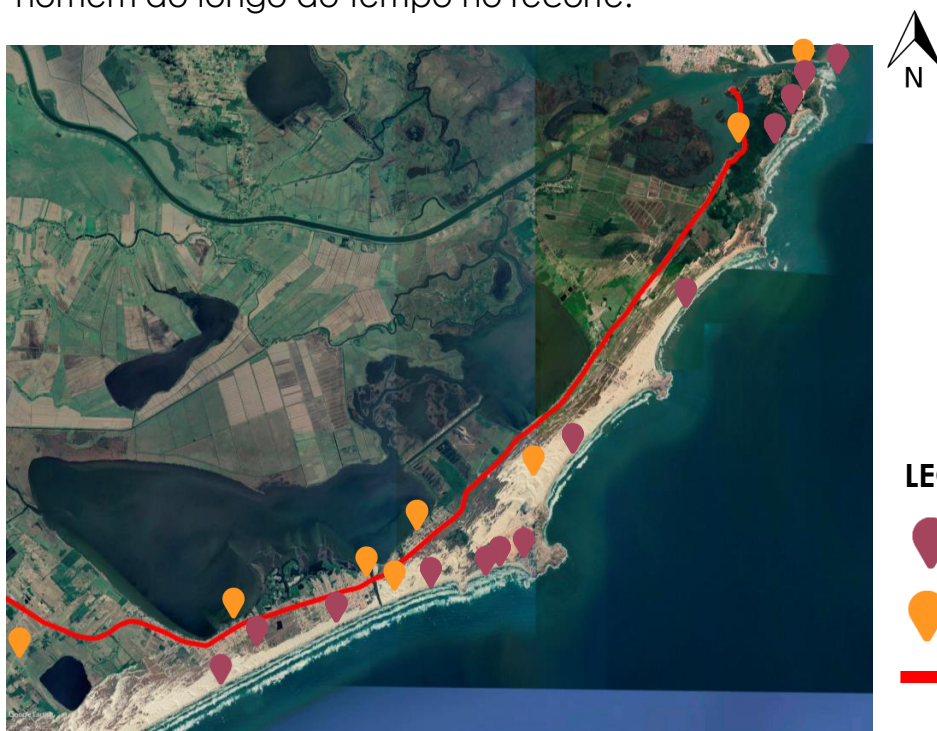
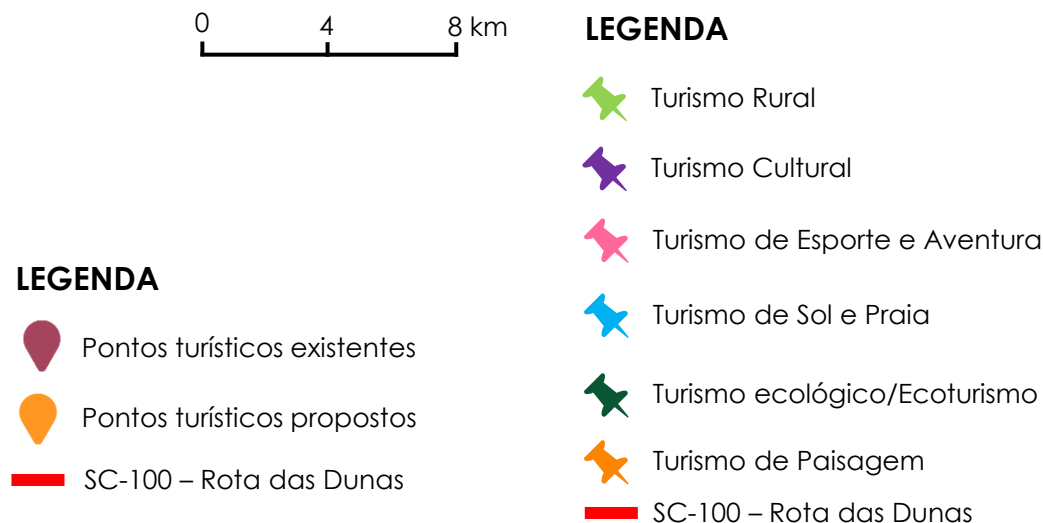


Figura 48: Mapa de Pontos Turísticos existentes e propostos  
Fonte: Google Earth, 2021 – adaptação da autora



Figura 49: Mapa de tipos de turismo  
Fonte: Google Earth, 2021 – adaptação da autora



A proposta busca englobar, através da organização da paisagem, todos os tipos de turismos existentes e auxiliar no desenvolvimento de locais potenciais turísticos.

Através do estudo da paisagem e mapeamento dos locais com potencial para desenvolvimento da atividade turística, pontuou-se locais de possíveis parados e/ou mirantes ao longo da rodovia, equipamentos de hospedagem ligados à ao turismo da região, como de paisagem, sol e praia, rural e cultural. Bem como equipamento de comércio e/ou serviços ligados à gastronomia e espaços comunitários, considerando que alguns comunidades são consolidadas e nativas da região.

Os pontos turísticos propostos no recorte, partem da diretriz de se **relacionar com a paisagem**, seja ela ligada à atividade rural, à história, ao esporte, à própria natureza vinculado ao ecoturismo e, também à aspectos da paisagem cultural, relacionada às experiências, as formas, as ocupações, às atividades marcantes, como a pesca por exemplo.

A partir da relação com paisagem, é proposto equipamentos que, então, articulam-se com pontos turísticos existentes, e compõe a Rota da Dunas.

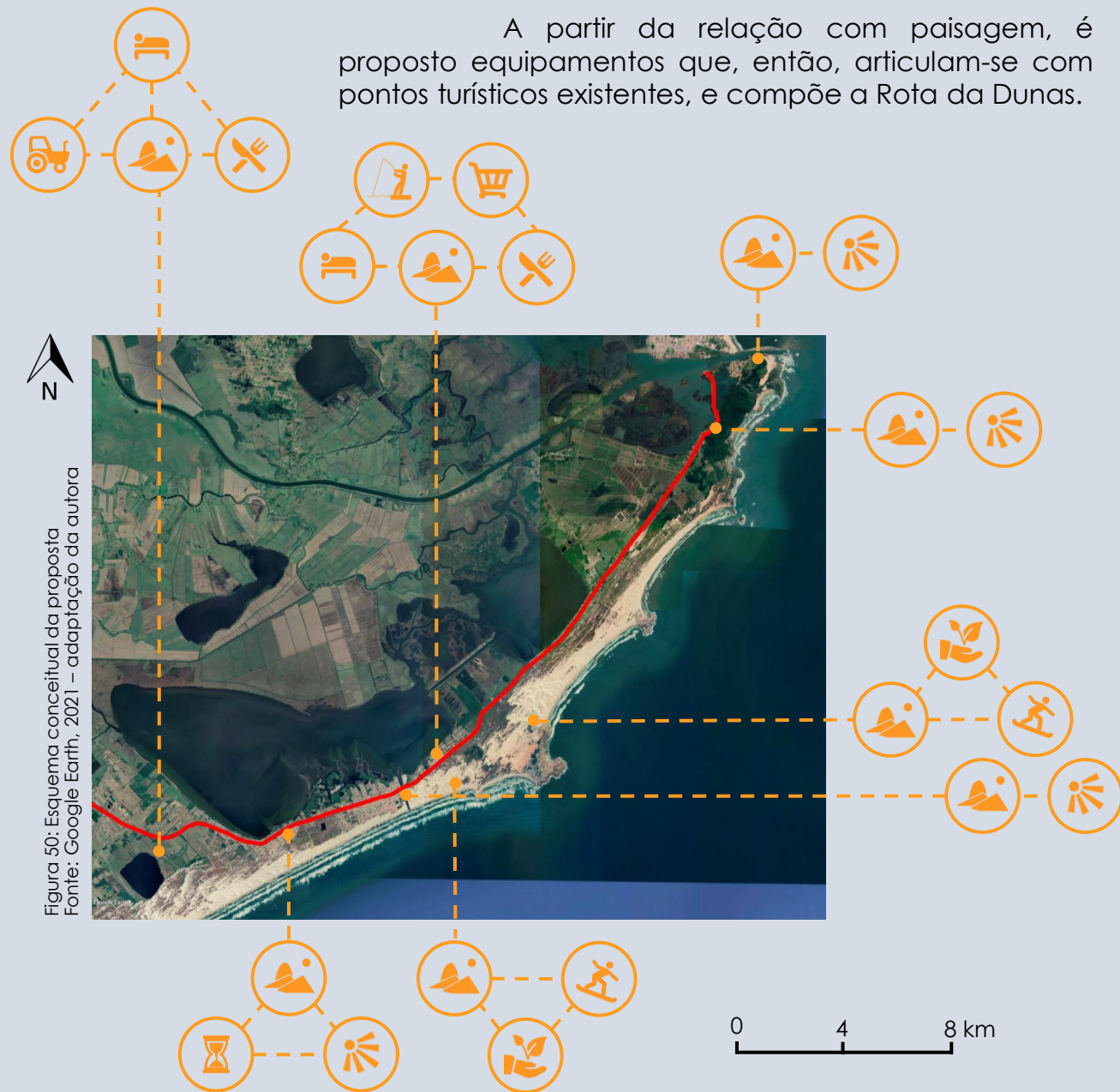
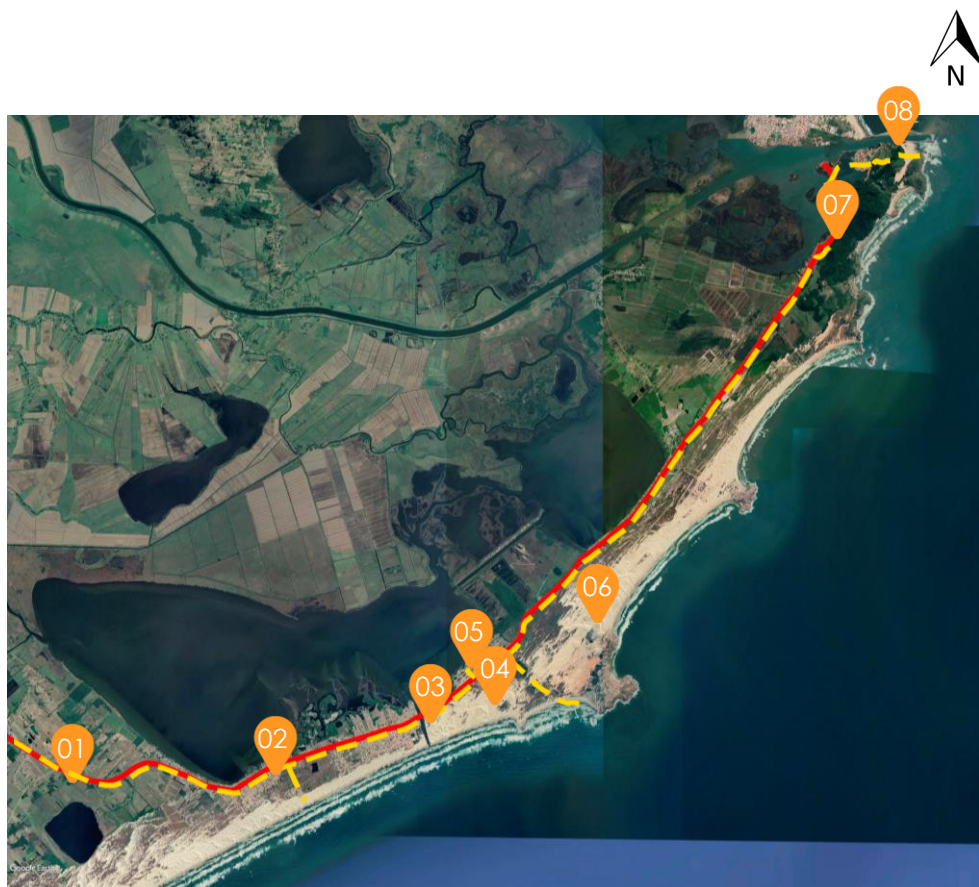


Figura 50: Esquema conceitual da proposta  
Fonte: Google Earth, 2021 – adaptação da autora








0 4 8 km

Figura 51: Mapa de pontos turísticos propostos  
Fonte: Google Earth, 2021 – adaptação da autora

## LEGENDA

-  Pontos turísticos propostos
-  SC-100 – Rota das Dunas
-  Ciclorota



## 2.13.1 Descrição dos pontos turísticos propostos

### CICLOROTA

Atualmente, ao longo da SC-100, observa-se a demanda de ciclistas na região para a prática do esporte, mas também como demanda turística, mesmo considerando a insegurança da rodovia para a prática. Em alguns trechos da rodovia já se tem uma ciclofaixa, no entanto, tem-se a proposta de continuidade da ciclorota para que atenda essa demanda. O circuito permeia todo o recorte em estudo, especialmente ao longo da rodovia, buscando promover a valorização da paisagem natural e cultural, evidenciando a riqueza existente.

A ciclorota adentra para algumas localidades por meio de ramificações nas quais localizam-se pontos turísticos propostos e/ou existentes de grande relevância, como na Rua da Plataforma, na comunidade da Garopaba do Sul - com visual para o Sambaqui, como na Rua nº 6, na comunidade da Cigana, com um equipamento que será desenvolvido neste Trabalho Final de Graduação, na estrada Geral do Farol, com o Farol de Santa Marta e as praias como atrativo turístico - e outra ramificação nos Molhes de Laguna.

Além dos equipamentos propostos que estarão ao longo da rota e as próprias condicionantes existentes, em alguns pontos haverá mirantes e parados para localização e informações, bem como apreciação do ponto turístico.

Figura 52: Mapa esquemático ciclorota  
Fonte: Autoral





## 01 POUSADA RURAL

Com foco no turismo rural, é proposto um equipamento de hospedagem, em uma localidade com características predominantes de atividades rurais que irá relacionar-se com o turismo rural e cultural, por meio de atividades ligadas ao campo, junto à um equipamento de gastronomia que ofereça produtos produzidos pelas atividades rurais da cidade.

Jaguaruna



Figura 53: Localização Pousada Rural  
Sem escala  
Fonte: Google Earth, 2021 – adaptação da autora



Figuras 54: Hotel Rural Casa do Rio  
Fonte: Archdaily

### Referencial

**Hotel Rural Casa do Rio**  
– Castelo Melhor,  
Portugal

A proposta é referencial por parecer como intocada na paisagem. A ideia parte de que o sítio impõe as regras.

## 02, 03, 07, 08 MIRANTES E PARADOUROS

O mirante do Casqueiro busca trazer foco e abertura para o visual da paisagem cultural deixada pela história através dos sítios arqueológicos. Este é o maior sambaqui do recorte e encontra-se com riscos por conta da ocupação desordenada no entorno do mesmo.

Os mirantes da Barra, Imaruí e Molhes tem o propósito de potencializar paisagens naturais que se relacionam com as paisagens culturais do recorte, marcada pelas lagoas, dunas, praias, morros, atividade pesqueira e a própria ocupação urbana.

As aberturas na paisagem foram condicionantes para a proposta dos mirantes, que funcionarão como locais importantes que irão configurar referências na composição e estruturação da paisagem com o tempo, possibilitando a percepção de elementos marcantes na evolução da paisagem.

### LEGENDA

- Mirante do Casqueiro
- Mirante da Barra
- Mirante do Imaruí
- Mirante dos Molhes
- SC-100 – Rota das Dunas

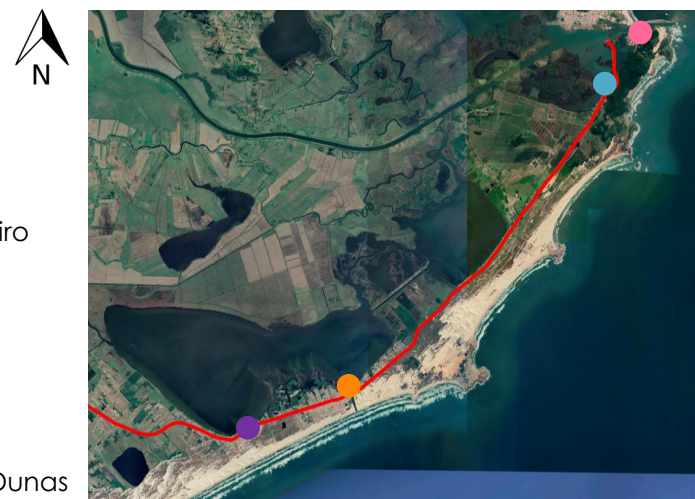


Figura 55: Localização mirantes e parados  
Sem escala  
Fonte: Google Earth, 2021 – adaptação da autora



## 04, 06 ECOSTURISMO

### Referencial

#### Mirante de Storberget – Noruega

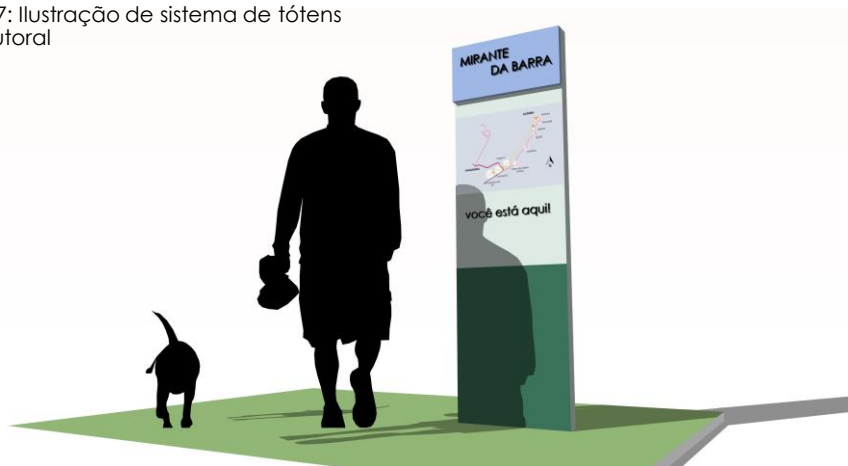
No referencial várias paradas para descanso e pontos de vista são estabelecidos ao longo das rotas, seja para destacar lugares turísticos ou para marcar um ponto de partida para caminhadas na paisagem.



Figuras 56: Mirante de Storberget  
Fonte: Archdaily

### Informação e localização

Figuras 57: Ilustração de sistema de tótems  
Fonte: Autoral



Intenções e propostas de comunicação visual para informação, localização e orientação espacial nos mirantes e paradores, buscando auxiliar o turista seja contando a história local ou localizando-o na rota das Dunas.

Estes pontos apresentam características singulares por serem pontos altos de observação, no qual concentram as maiores dunas do recorte e uma vista panorâmica da paisagem. Busca-se, a partir destas condicionantes, potencializar o turismo de esporte e aventura já presente por atividades como o ciclismo e o sandboard, além disso o ecoturismo e o turismo de paisagem, importantes na estruturação da rota, merecem ser explorados nestas localidades.

São idealizadas então intervenções e estratégias como conservação destes ambientes naturais, estímulo para capacitação de profissionais para este segmento turístico, promover atividades utilizando do ecoturismo como educação ambiental para o turista e a comunidade local, um turismo de baixo impacto, como a própria observação e contemplação do ambiente natural.

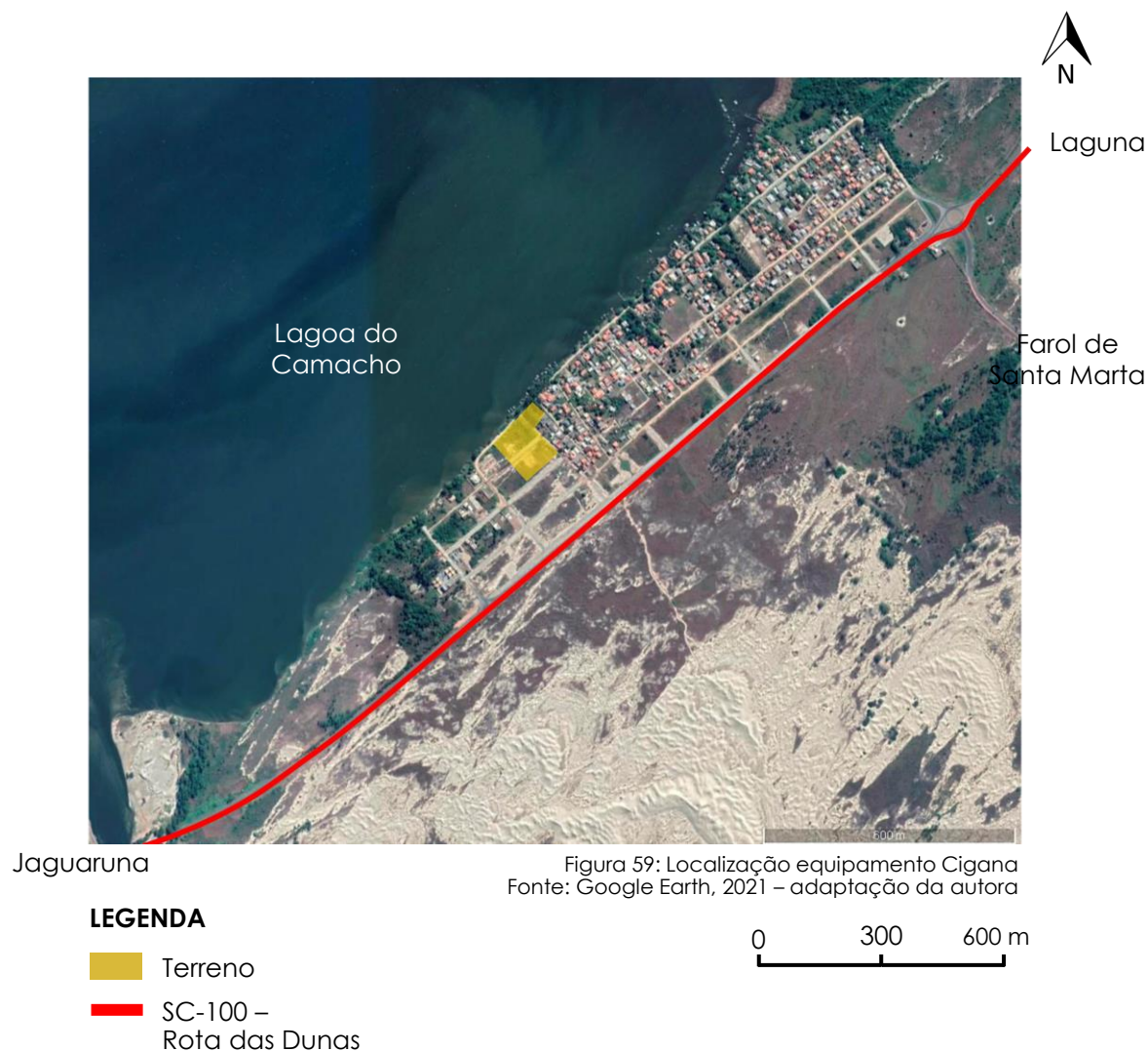


Figura 58: Ecoturismo – Farol de Santa Marta  
Fonte: Ricardo Ribas

## 05 EQUIPAMENTO INTEGRANTE Vila Cigana

Com o intuito de potencializar a área da comunidade da Cigana, como continuidade da Rota das Dunas, considera-se a marcante paisagem cultural que tem a área, com os aspectos naturais ligados aos aspectos culturais da comunidade, como potencial para desenvolvimento de um equipamento ligado à hospedagem e atividades de comércio, serviço e/ou comunitárias, comercializando produtos fornecidos pela própria comunidade, como artesanato e produtos ligados à pesca, buscando trazer desenvolvimento para a área, visto que a mesma conta apenas com pontos turísticos naturais que não são explorados.

Localizado em uma vila que atualmente passa por um processo de expansão urbana, o terreno está localizado em uma área que caracteriza essa divisão entre a comunidade nativa (ao Norte) de, principalmente, pescadores e, do outro lado novos loteamentos que mostram esta expansão urbana da região.



## 2.14 ZONAS COSTEIRAS E SUSTENTABILIDADE

O Brasil apresenta, segundo dados do IBGE (2010) 26,6% da população em municípios de zonas costeiras, por fatores históricos de ocupação e seguindo a tendência de ocupar áreas próximas ao litoral. Grande parte dessa população ocupa-se com atividades ligadas ao turismo, produção de petróleo, pesca e outros serviços relacionados a demanda destes municípios.

O acelerado processo de globalização, entre outros fatores, acarretou, através da falta de projeção do desenvolvimento de áreas costeiras, não só a descaracterização da paisagem, mas também a destruição destes ecossistemas frágeis.

De acordo com Bonetti (2011), cita outros fatores que acarretaram esta descaracterização, como a forma de ocupação e a rápida expansão urbana.

As ocupações causam impactos nos biomas, o que faz-se necessário a existência de planos para conservação e manejo destas áreas. Santos (2001, apud BONETTI, 2011), caracteriza o litoral Catarinense como um típico dessas situações, por ser uma área constituída por ecossistemas costeiras susceptíveis, a região lida com uma rápida descaracterização do sítio.

O litoral catarinense, conta com 560 km de extensão, que contam com uma diversidade de paisagem, sejam com praias com grandes aglomerados urbanos ou paisagem com menor impacto humano. São locais de grandes manifestações culturais e belezas naturais únicas, que vem sendo ocupados de forma agressiva, que acaba por descaracterizar este ambientes.

Bonetti (2011, p. 36), definiu impacto ambiental como sendo:

“qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente, causadas por qualquer forma de matéria ou energia resultante das atividades humanas, que afetam a saúde, a segurança e o bem-estar da população; as atividades sociais e econômicas; a biota; as condições estéticas e sanitárias do meio ambiente e a qualidade dos recursos ambientais.”

A costa catarinense apresenta situações de grande relevância relacionada a sustentabilidade ambiental, demandando maior prudência quanto aos usos e ocupações urbanas, buscando ordenar o território, para que tais impactos não tragam consequências irreversíveis, como a eliminação dos recursos naturais.

## 2.15 PLANO DE MANEJO DA APA DA BALEIA FRANCA

De acordo com o Plano de Manejo da APABF (2018), entre as décadas de 80 e 90, acadêmicos e ambientalistas iniciaram estudos buscando investigar o retorno da baleia franca para a região Sul do Brasil, após o desaparecimento da espécie. Estas ações resultaram na criação da Área de Proteção Ambiental (APA) da Baleia Franca, quando identificaram o retorno gradual das baleias.

A região vem se tornando foco para o turismo sazonal e consequente intensa ocupação do território. O cenário atual é de uma maior diversidade de usos da terra e dos recursos, na maioria das vezes, de forma insustentável, sem adequado ordenamento. (PLANO DE MANEJO DA APABF, 2018, p. 13)





A ampliação da BR-101 trouxe consigo vários agravantes para a região, como especulação imobiliária e aumento da ocupação desordenada, poluição das águas e ocupação de áreas sensíveis. Neste contexto, criou-se a APA da Baleia Franca, que abrange , diversos ecossistemas e abriga diversas espécies da fauna e flora.

Com isso, o plano de manejo surge como uma política para a UC (Unidade de Conservação), que orienta o desenvolvimento da região baseado em questões de sustentabilidade e conservação dos ambientes naturais

## 2.15.1 Zoneamento

O zoneamento é elaborado através de critérios estabelecidos, como socioeconômicos, biológicos e físico-geográficos, que partem do conhecimento técnico-científico construído nas oficinas participativas com o conselho e setores.

O mapa da Figura 61 apresenta o zoneamento de parte da APABF, localizando as áreas e seus respectivos usos de acordo com o Plano de Manejo. Em anexo consta o Plano de Manejo de APA da Baleia Franca, onde encontra-se o quadro de identificação do zoneamento da APABF e respectivos objetivos de manejo.

Figura 60: Unidades da APA da Baleia Franca  
Fonte: Conselho Gestor da APA da Baleia Franca



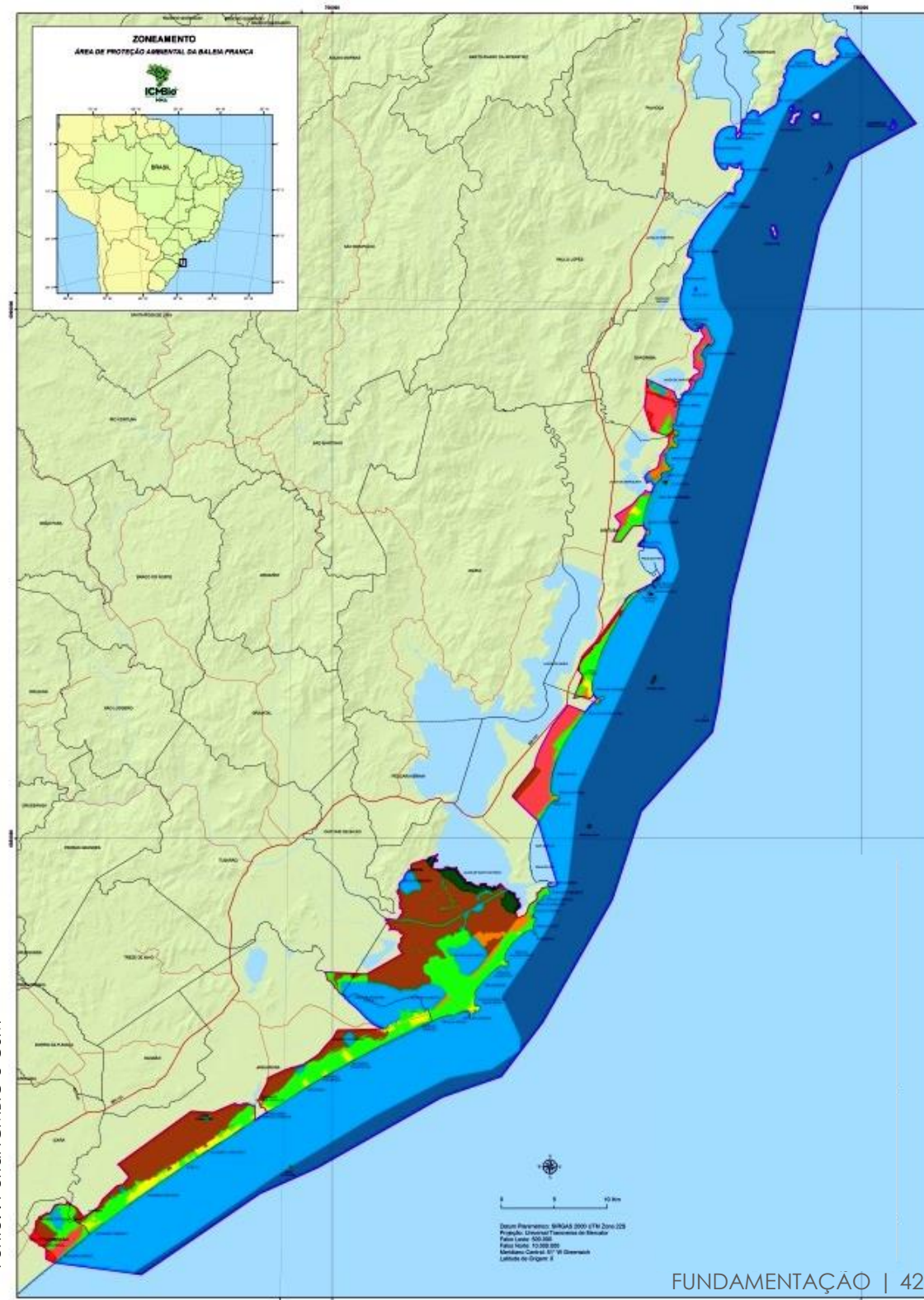
Conforme o Plano de Manejo da APA da Baleia Franca (APABF)(2018, p. 56), o zoneamento constitui em:

“um instrumento de ordenamento territorial, usado como recurso para se atingir melhores resultados do manejo das UC's, pois estabelece usos e normas diferenciadas para cada zona de acordo com a vocação do espaço, a sensibilidade do ambiente e sua relevância ecológica.”

### LEGENDA

- Zonas de conservação
- Zona de uso restrito
- Zona de uso moderado
- Zona de uso múltiplo
- Zona de produção rural
- Zona urbanizada
- Zona populacional
- Zona de manejo de recursos pesqueiros
- Zona de uso divergente
- Área de refúgio da baleia franca
- Área refúgio da baleia franca aprovada pelo CONAPABF
- Área da Unidade de Conservação Decreto 14 de setembro de 2000
- Cursos d'água

Figura 61: Zoneamento da APA da Baleia Franca  
Fonte: Portal ICMBIO e OSM



# CONTEXTUALIZAÇÃO

## 3.1 ESCALAS

O recorte macro compreende a região do Farol de Santa Marta e está localizado no centro do recorte regional. Busca-se fazer um estudo sobre os aspectos e condicionantes locais que darão embasamento para uma melhor compreensão da interação com o recorte da Cigana.

O trabalho final de graduação acontecerá em duas escalas em TFG II, a escala da Cigana e a escala de anteprojeto, com um equipamento integrante da rota turística.

Cabe ressaltar a importância da análise do recorte macro para compreensão da relação da paisagem natural e cultural com o recorte micro, para, por fim, trazer uma proposta de arquitetura coerente com o entorno e que se insira no espaço.

## 3.2 ASPECTOS GERAIS

ASPECTOS GERAIS - MUNICÍPIO DE LAGUNA	
POPULAÇÃO ESTIMADA (2020)	46.122 pessoas
PIB (2018)	19.791,19 R\$
IDH (2010)	0,752
ÁREA DA UNIDADE TERRITORIAL (2020)	333,260 km <sup>2</sup>
DENSIDADE DEMOGRÁFICA (2010)	116,77 hab/km <sup>2</sup>

Quadro 02: Aspectos gerais do município de Laguna  
Fonte: IBGE

Figura 62: Localização do recorte do Farol de Santa Marta  
Fonte: Google Earth, 2021 – adaptação da autora



0 2 4 km

Figura 63: O entorno do Farol de Santa Marta com localização da área da Cigana  
Fonte: Google Earth, 2021 – adaptação da autora



# ANÁLISE DA ÁREA



Figura 64: Farol de Santa Marta  
Fonte: Hiperfm – adaptado pela autora

## 4.1 O ENTORNO DO FAROL DE SANTA MARTA

O entorno do Farol de Santa Marta é definido por uma paisagem que mostra a ligação dos aspectos naturais, aos físicos, sociais, entre outros, onde caracteriza-se como paisagem cultural.

Tratando-se dos aspectos naturais da área, observa-se elementos marcantes como o complexo lagunar, a faixa costeira, as dunas, como elemento de destaque na paisagem, a vegetação de restinga, os sítios arqueológicos e as formações rochosas.

A atividade de pesca na região é uma das principais fontes de renda da comunidade e contribui para a formação da paisagem cultural, assim como os núcleos urbanos, de uma ocupação irregular que acabam contribuindo no processo de degradação de ambientes como os sítios arqueológicos, corpos d'água e vegetação.

Destaca-se também como modalidade econômica, o fluxo de turistas como potencial para o crescimento e desenvolvimento da região, mais evidente nas comunidades do Farol e Camacho.

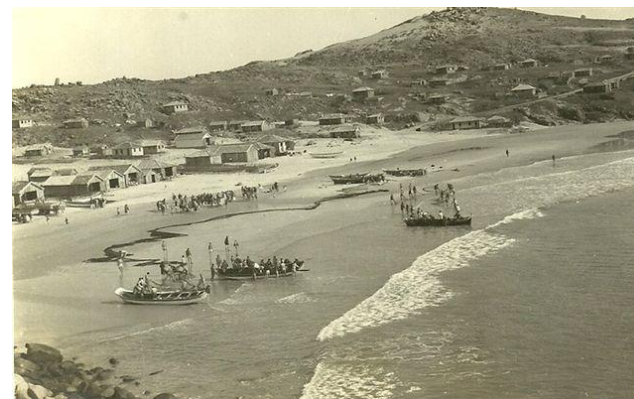


Figura 49: Farol de Santa Marta – Década de 60  
Fonte: Posts à beira mar



O entorno do Farol de Santa Marta é definido por uma paisagem que mostra a ligação dos aspectos naturais, aos físicos e sociais, no qual caracteriza-se como paisagem cultural.

Tratando-se dos aspectos naturais da área, observa-se elementos marcantes como o complexo lagunar, a faixa costeira, as dunas, como elemento de destaque na paisagem, a vegetação de restinga, os sítios arqueológicos e as formações rochosas.

A atividade de pesca na região é uma das principais fontes de renda da comunidade e contribui para a formação da paisagem cultural, assim como os núcleos urbanos, de uma ocupação irregular que acabam contribuindo no processo de degradação de ambientes como os sítios arqueológicos, corpos d'água e vegetação.

Destaca-se também como modalidade econômica, o fluxo de turistas como potencial para o crescimento e desenvolvimento da região, mais evidente nas comunidades do Farol e Camacho.



Figura 65: Pesca Farol de Santa Marta – Década de 60  
Fonte: Posts à beira mar



Figura 66: Farol de Santa Marta  
Fonte: Praias de Santa Catarina – adaptado pela autora



## 4.2 CRESCIMENTO URBANO E GESTÃO AMBIENTAL URBANA

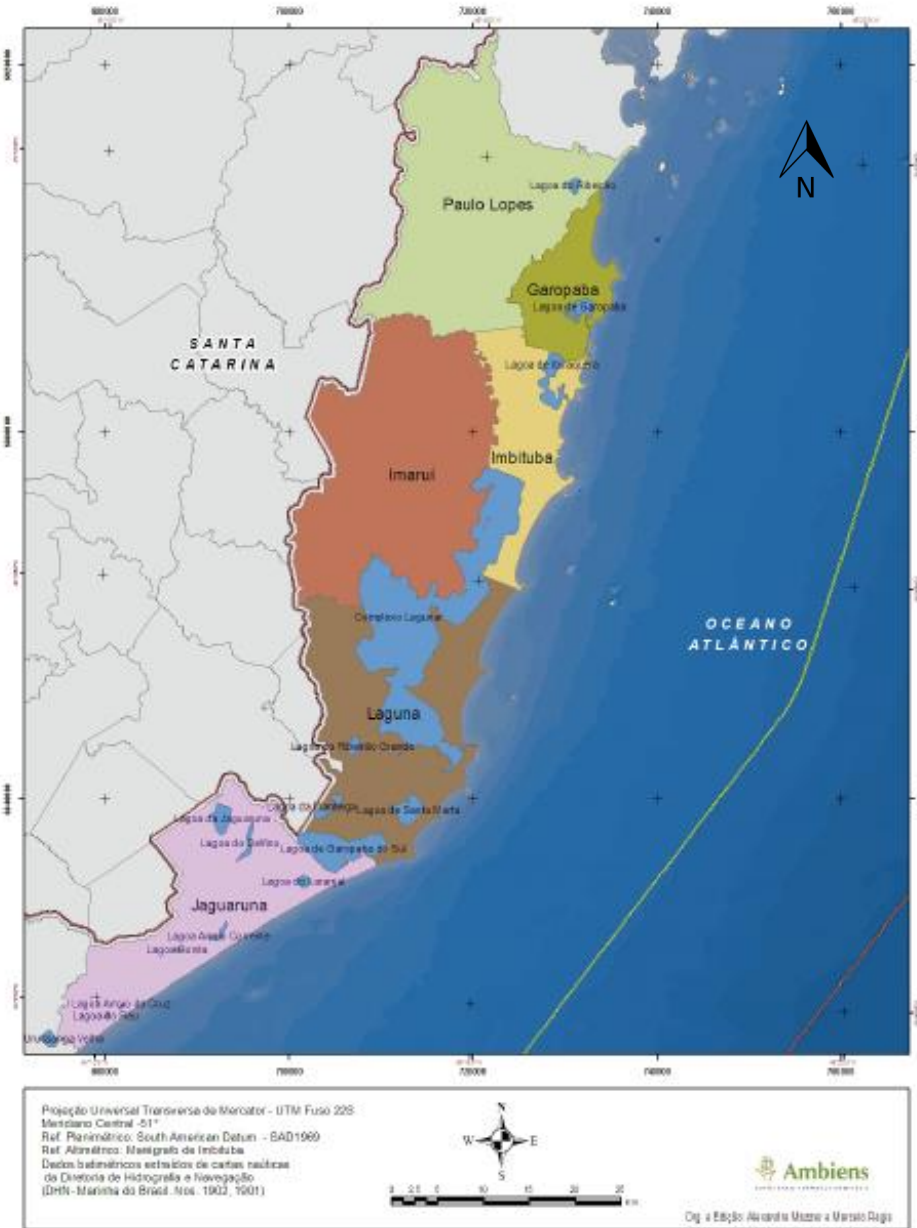
Segundo Bonetti (2011), o termo gestão ambiental urbana é normalmente empregado para se tratar de atividades ligadas ao gerenciamento da cidade, melhorando sua qualidade ambiental.

Para o IBAMA, políticas públicas de gestão ambiental são definidas como:

“Um processo de mediação de interesses e conflitos entre atores sociais que agem sobre o meio físico - natural e construído. Esse processo de mediação define e redefine, continuamente, o modo como os diferentes atores sociais através de suas práticas, alteram a qualidade do meio ambiente e também, como se distribuem na sociedade e os custos e benefícios decorrentes da ação destes agentes” (BRASIL, 1995, apud BONETTI, 2011, p. 30).

O Estado de Santa Catarina, estabeleceu, através da Lei 7.661, de 16 de maio de 1988, o Programa Estadual de Gerenciamento Costeiro (GERCO) que, de acordo com o Decreto Estadual nº 5.010/2006, caracteriza-se como:

“o conjunto de atividades e procedimentos que, através de instrumentos específicos, permite a gestão dos recursos naturais da Zona Costeira, de forma integrada e participativa, objetivando a melhoria da qualidade de vida das populações locais, a preservação dos habitats específicos indispensáveis à conservação da fauna e flora, adequando as atividades humanas à capacidade de suporte dos ecossistemas” (Decreto Estadual nº 5.010/06, Art. 2º, II)



O plano estabeleceu objetivos, diretrizes, metas e instrumentos para sua elaboração, aprovação e execução e tem como objetivo disciplinar e racionalizar a utilização dos recursos naturais da Zona Costeira. A frágil região do entorno do Farol de Santa Marta encontra-se na área do Setor 4 (Litoral Centro-Sul).

A pesca, a agricultura e a expansão urbana têm trazido diversos problemas ambientais para o local, onde ocorre a erosão a urbanização desordenada da orla pelos residentes, que impede a movimentação natural da cobertura de dunas e restinga, por exemplo, assim como a destruição da vegetação nativa para plantações e outras atividades ligadas ao setor da agricultura.

O mapa da Figura 68 mostra a relação das áreas antropizadas, onde pode-se perceber como a ação do homem tem invadido áreas antes naturais, evidenciando inclusive ocupações irregulares como por exemplo na beira das lagoas.

Os atrativos naturais são um dos principais fatores que induzem a ocupação em alguns locais, pois estiveram historicamente relacionados à facilidade de acesso a recursos e ao posicionamento estratégico que, atualmente, são procurados por turistas pela valorização das paisagens naturais. (BONETTI, 2011)

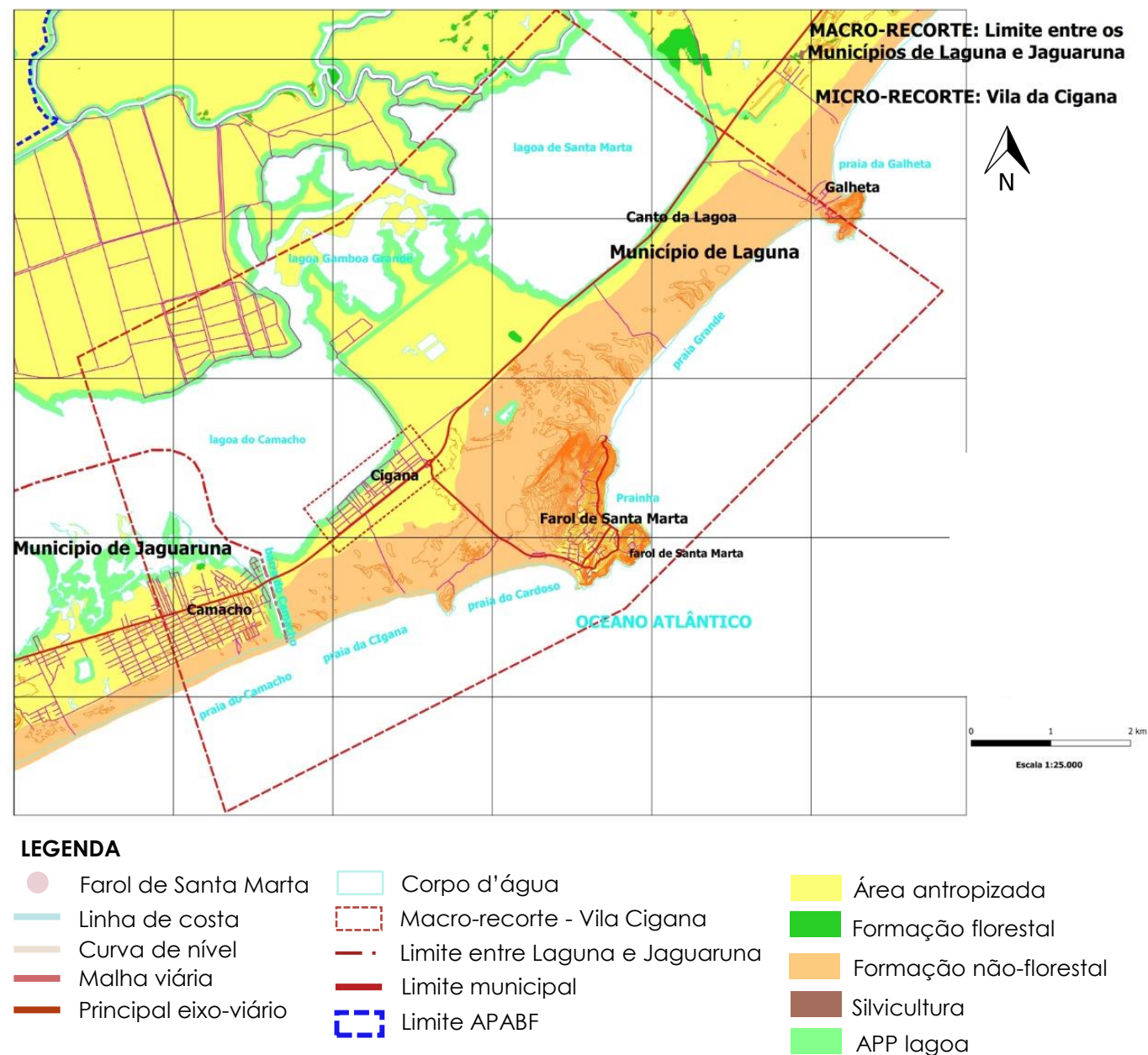


Figura 68: Mapa de áreas antropizadas  
 Fonte: Portal ICMBIO e OSM



De acordo com Oliveira (2019, p. 18), muitos dos conflitos ambientais atuais que ocorrem em zonas costeiras do litoral catarinense são em decorrência da falta de planejamento, ordenamento e fiscalização da ocupação, como por exemplo:

"i) extração irregular de areia e manejo inadequado dos sedimentos costeiros. [...] ii) deterioração da qualidade da água do mar e de corpos hídricos costeiros por efluentes agrícolas e domésticos; [...] iii) acesso de veículos à faixa de areia das praias e degradação das dunas e sítios arqueológicos (sambaquis) por trilhas offroad; iv) construções e usos irregulares incompatíveis com a legislação ambiental e que são alvo de processos administrativos e judiciais; v) supressão de vegetação litorânea nativa e plantio de espécies exóticas para estabilização de dunas móveis e favorecimento à ocupação humana; vi) artificialização da orla marítima com a construção de muros e calçadões dentro do perfil ativo da praia."

Apesar da evolução da legislação, a degradação ambiental costeira em Santa Catarina, é preocupante. A acelerada ocupação no litoral, as atividades da agricultura e da pesca dos residentes, dificultam o ordenamento do espaço.

A pesca, a agricultura e a expansão urbana têm trazido diversos problemas ambientais para o local, ocorrendo a erosão a urbanização desordenada da orla pelos residentes, que impede a movimentação natural da cobertura de dunas e restinga, bem como a destruição da vegetação nativa para plantações e outras atividades ligadas ao setor da agricultura.



Figura 69: Ocupação Urbana Balneário Camacho, 1978  
Fonte: Google Earth



Figura 70: Ocupação Urbana Balneário Camacho, 2020  
Fonte: Google Earth, 2020



Tratando-se de questões de crescimento urbano da área, vale destacar a influência da malha viária neste processo. Segundo o Plano de Manejo da APABF (2018, p.13), com a construção da BR 101, a expansão imobiliária provocou modificações substanciais relacionadas aos usos do solo, com implantação de loteamentos com traçado tradicional. O desenvolvimento das atividades turísticas que se estabeleceram a partir destas condições citadas, favoreceram a desconfiguração do estilo de vida da população nativa.

Há uma concentração de núcleos urbanos em torno da Rodovia SC-100 que também atuou como facilitador de acesso aos espaços mais afastados, como a comunidade da Galheta e do Farol de Santa Marta, principalmente depois do processo de pavimentação da rodovia.

De acordo com Scofano (2012), faz-se necessário o estabelecimento de políticas de ordenamento para as localidades, para que a ocupação desordenada não traga danos irreversíveis para ao patrimônio natural e arqueológico da região.

#### GALHETA

- Número reduzido de residências fixas;
- Forte ação do poder público;
- Dificuldade de ocupação pela movimentação das dunas;
- As habitações existentes trazem riscos para o patrimônio arqueológico;
- Poucas atividades de hotelaria.

#### FAROL DE STA MARTA

- Maior densidade de habitações do recorte;
- Crescimento desordenado;
- Alta demanda turística na alta temporada;
- Concentração maior do serviço hoteleiro;
- Pressão cada vez maior sobre o meio natural e os sítios.

#### CIGANA

- Situada entre duas zonas de maior adensamento;
- Região de potencial expansão imobiliária;
- Centro da ligação dos municípios de Jaguaruna e Laguna;
- Lagoa como habitat que compõe a base alimentar e sustento da comunidade;
- Poucas atividades do serviço hoteleiro;
- Ausência de equipamentos de atrativos turísticos.

#### CAMACHO

- Processo de povoamento intenso;
- Pesca como atividade principal;
- Ocupação sobre o sítio arqueológico;
- Alto fluxo de turistas;
- Apresenta poucos serviços hoteleiros.

## 4.3 O IMPACTO DO TURISMO NA COMUNIDADE LOCAL

O fluxo de turistas, aliado à modernização, como meios de comunicação e pesca industrial, tem trazido um quadro de mudanças culturais complexo e significativos na vida de populações nativas, ligadas à pesca artesanal (ARANTES; SANTOS, 2010). Essas mudanças, são evidentes nas comunidades pesqueiras da área de estudo, onde o turismo, principalmente, vem ganhando força e conflitando, muitas vezes, com estes aspectos culturais da comunidade.

De acordo com uma pesquisa elaborada pela autora Dall Agnol (2009), em alguns bairros de Laguna, em comunidades pesqueiras com características semelhantes a da área do entorno do Farol, foi observado que os moradores mais jovens têm atitude positiva em relação ao impacto do turismo na vida cotidiana, assim como serviço de infraestrutura, emprego e impacto ambiental. Já os moradores com idade mais avançada se colocam como indiferentes frente ao Turismo, serviços e infraestruturas, mas negativos referente ao impacto ambiental.

Yázigi (2001, apud BAPTISTA; SILVA, 2015, p. 4) defende que a comunidade tem o direito de opinar sobre questões relacionadas ao turismo do local em que vivem. No Brasil, infelizmente, o planejamento público, na maioria das vezes, se dá de forma fechada, sem a participação das comunidades, que não podem se manifestar sobre as intervenções relacionados ao desenvolvimento do turismo.



Figura 71: O impacto do turismo no entorno Farol de Santa Marta  
Fonte: Núcleo de Turismo de Laguna

Se uma pessoa mantém atitude positiva relacionada ao Turismo, consequentemente deve ter uma relação positiva com os turistas e apoiar esta atividade no município. O turismo, quando abordado de forma correta, com princípios de sustentabilidade, se inserindo na comunidade, acaba por satisfazer diversos interesses. Os membros da comunidade nativa acabam se beneficiando em aspectos relacionados a emprego, uma consequente melhor infraestrutura para atender melhor os turistas e intercâmbio cultural.

# DEFINIÇÃO DO RECORTE



## 5.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

A partir das análises dos recortes regional e macro (entorno do Farol de Santa Marta), o recorte escolhido para o estudo de implantação de um equipamento de hospedagem, está localizado na Vila Cigana.

Busca-se então, a partir da análise do recorte micro, trazer para a área, um equipamento de hospedagem interligado com um equipamento de comércio e/ou serviço, onde a arquitetura irá se inserir na paisagem, criando uma conexão com os diversos aspectos e condicionantes locais.

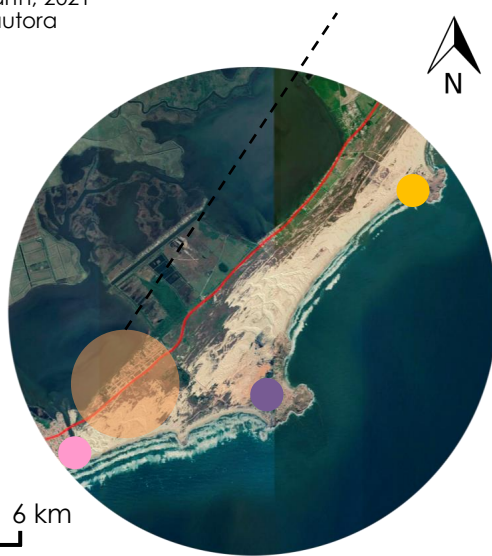


Figura 72: Localização área da Cigana no recorte Macro  
Fonte: Google Earth, 2021 – adaptação da autora

### LEGENDA

-  SC-100
-  Recorte da Cigana
-  Farol de Santa Marta
-  Galheta
-  Barra do Camacho

0 3 6 km



### LEGENDA

-  SC-100
-  Hospedagem
-  Comércio/serviço
-  Religiosos

0 300 600 m

Figura 73: Recorte da Cigana – Equipamentos do entorno  
Fonte: Google Earth, 2021 – adaptação da autora





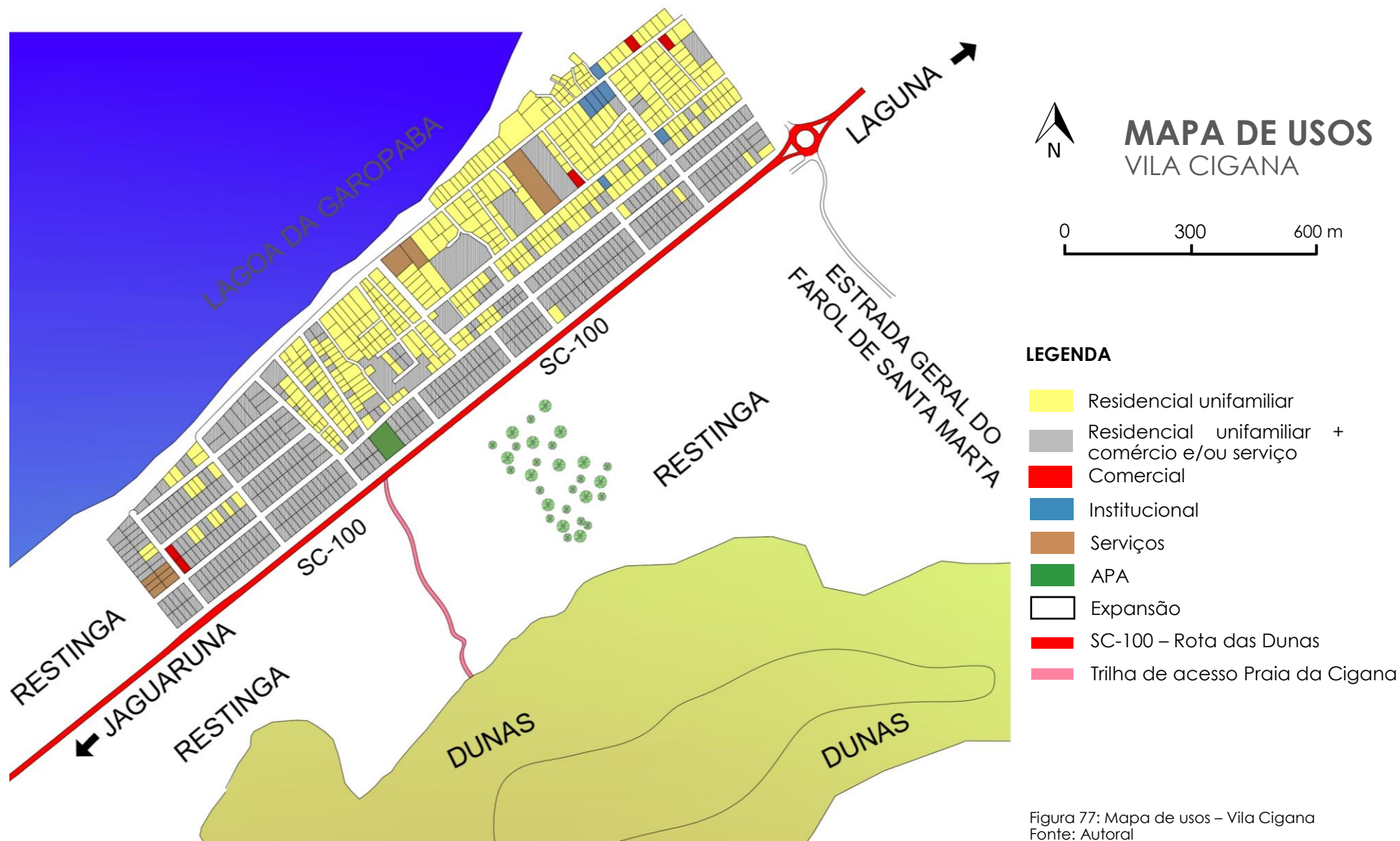
## 5.3 ANÁLISES E CONDICIONANTES

- Menor concentração urbana dentro do recorte Macro (entorno do Farol de Santa Marta);
- Encontra-se entre duas comunidade de grande adensamento: a do Camacho e Farol de Santa Marta;
- Situa-se no meio da rodovia que conecta os municípios de Jaguaruna e Laguna, tornando-a atraente para expansão imobiliária;
- Cercada pelo cordão de dunas e lagoa;
- Conexão direta com a lagoa que é o habit das espécies da base alimentar e sustento dos moradores da comunidade nativa;
- Ocupação de, principalmente, pescadores artesanais;
- Forte relação com a paisagem natural e cultural marcante;
- Conexão direta com a rodovia SC-100, que atua como elemento de ligação de paisagem e como parte estruturadora da proposta;
- Novos loteamentos e pavimentação de ruas, indicando expansão urbana;
- Forte influência do visual para o Farol de Santa Marta, de grande importância histórica.



Figura 75 e 76 Vila Cigana - visuais  
Fonte: Jesoé Pacheco





Em uma análise do mapa de usos do recorte, pode-se observar as características de ocupação da área que é marcada por, principalmente, uso residencial.

A Vila passa por um atual processo de expansão. O mapa da Figura 77 mostra os lotes ainda sem ocupações, com malhas regulares, mostrando o contraste das antigas ocupações da população nativa com os novos loteamentos propostos para a área. Conta com poucos equipamentos de comércio, serviço e institucionais.

# OCUPAÇÕES




## VILA CIGANA

Figura 78: Ocupações – Vila Cigana  
Fonte: Autoral

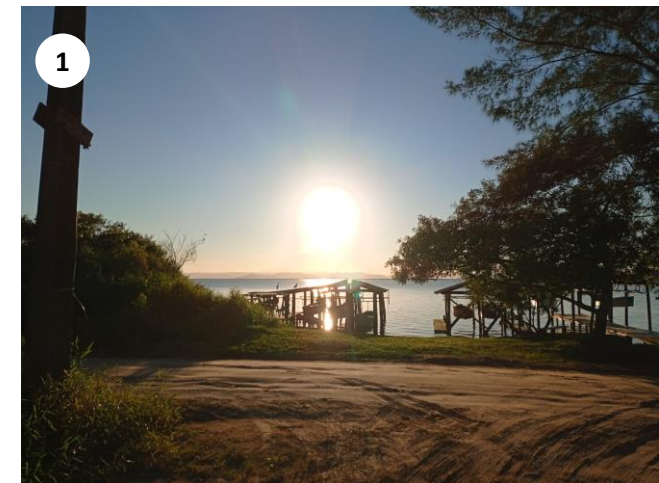


0 300 600 m

### LEGENDA

-  Ocupações antigas
-  Novos loteamentos
-  SC-100 – Rota das Dunas

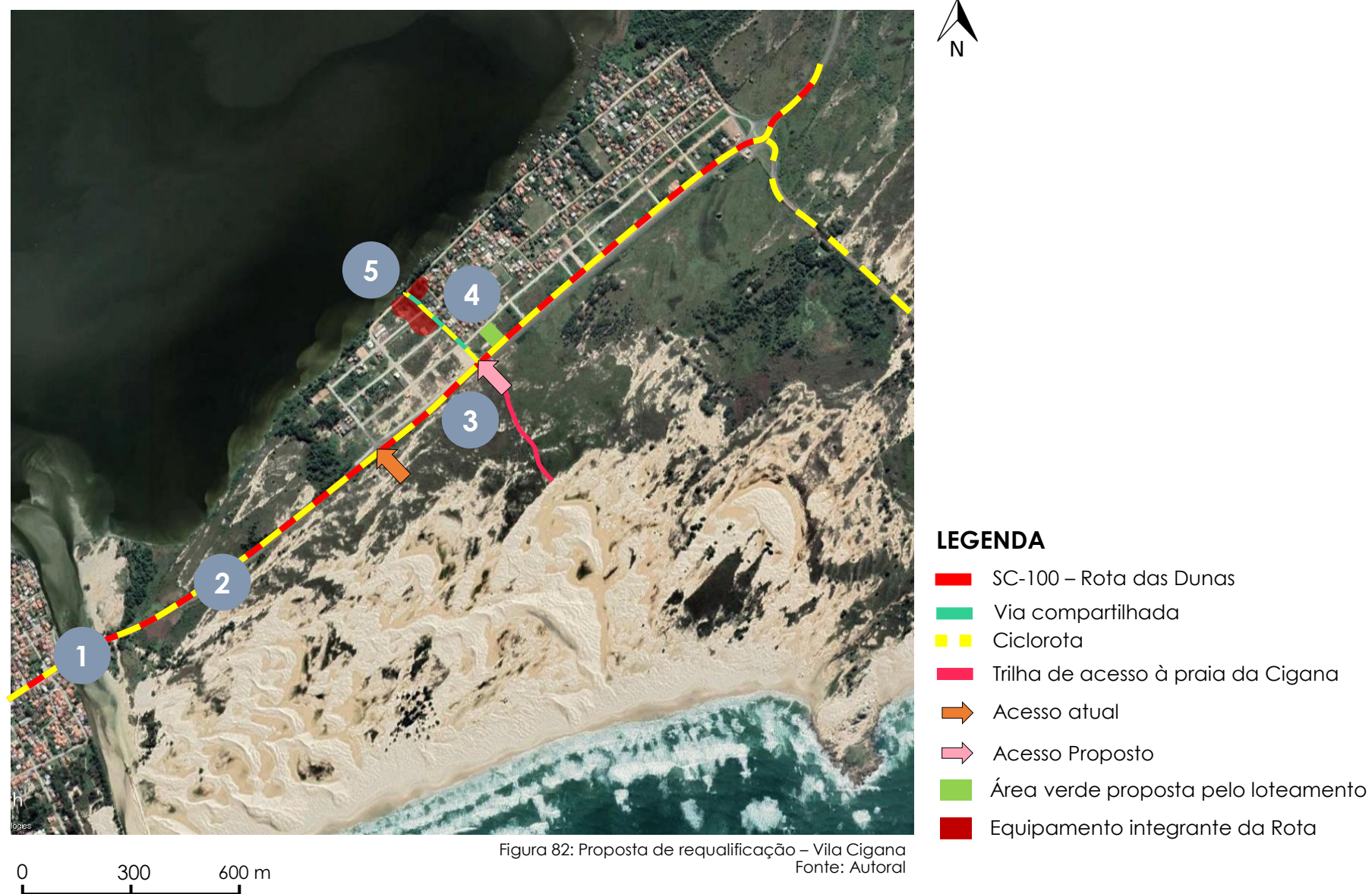
A área marcada pelas antigas ocupações reflete fortemente a cultura da comunidade pesqueira, com predomínio de usos residenciais de 1 ou 2 pavimentos. O píer com as casas de barco marcam as ocupações na beira da lagoa. Já na área correspondente aos novos loteamentos e expansão urbana, as novas ocupações são caracterizadas por uso residencial de turistas que, no geral, utilizam das mesmas em períodos de alta temporada.



Figuras 79,80 e 81: O entorno  
Fonte: Autoral



### 5.3.1 REQUALIFICAÇÃO DO RECORTE DA CIGANA





## 01 MIRANTE DA BARRA

Como parte integrante da proposta de mirantes, o Mirante da Barra busca trazer uma proposta de requalificação para a Barra do Camacho, que conta atualmente com um alto fluxo de turistas, porém sazonais, que buscam apenas por turismo de Sol e Praia, pois a rica paisagem do local não é explorada.

Atuará como um paradoro para quem transita na rodovia, sejam pedestres, ciclistas ou veículos, com função de espaço de contemplação, lazer e convivência.



Figura 83: Mirante da barra – fotomontagem de intenções  
Fonte: Autoral

## 02 CICLOROTA

A ciclorota foi idealizada com a finalidade de permear todo o recorte da Cigana com ramificações para acesso à Lagoa por meio da via compartilhada e o novo acesso proposto.

Assim como a via compartilhada, a ciclorota é proposta em uma rua que marca o contraste das antigas ocupações com as novas, buscando estabelecer relação com a comunidade nativa.

## 03 ACESSO

Atualmente a área da Cigana conta com um acesso localizado no início do novo loteamento, distante da comunidade nativa, o que a torna esquecida e com acesso dificultado.

Uma passarela é proposta para auxiliar pedestres e ciclistas que desejarem atravessar a rodovia. A área verde definida pelo loteamento novo é deslocada para o acesso, marcando este espaço com maior qualidade paisagística. Um equipamento de auxílio ao turista é proposto próximo ao acesso e à trilha.



Figura 84: Acesso Vila Cigana  
Fonte: Autoral

Acesso atual

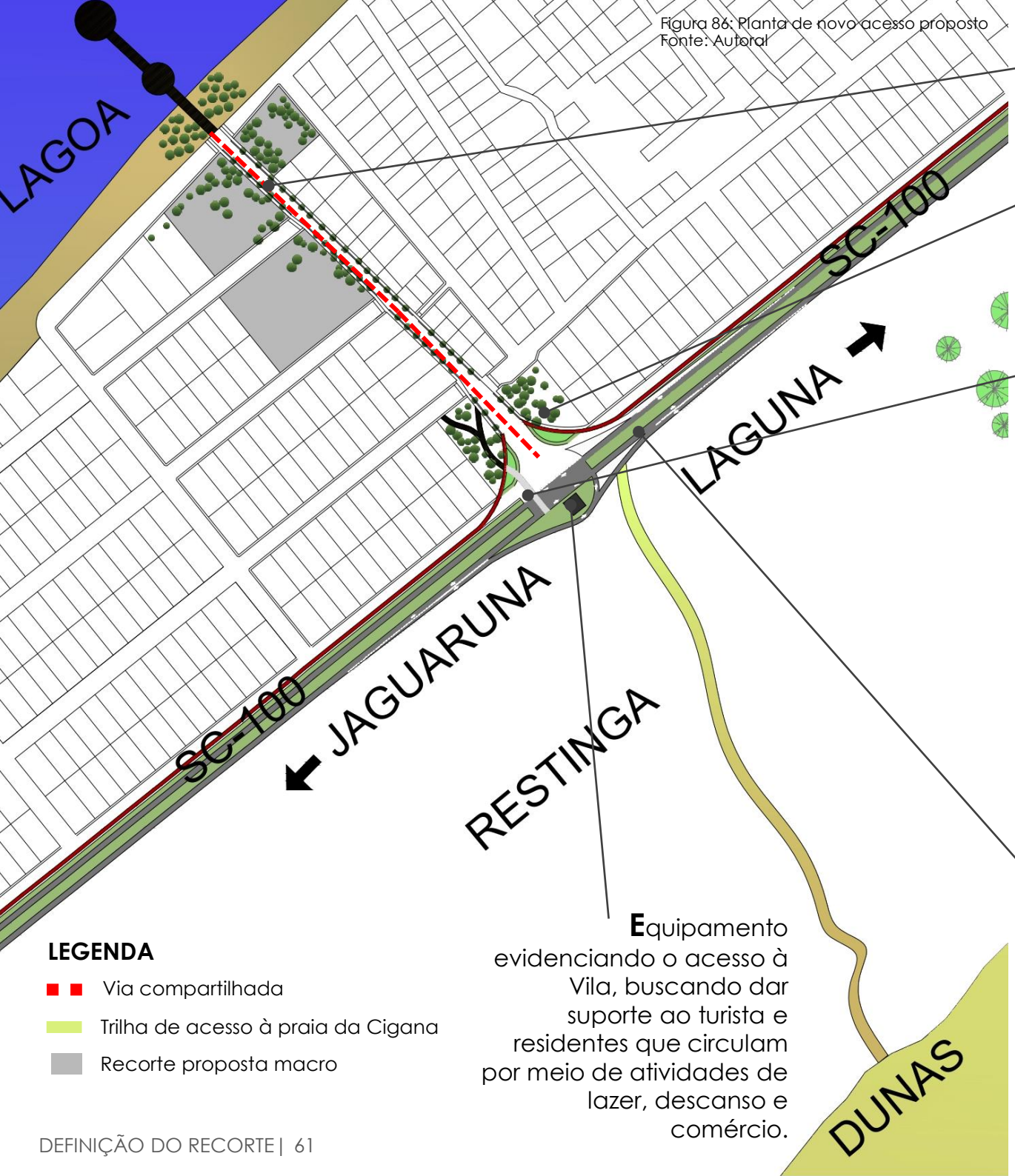


Figura 86: Planta de novo acesso proposto  
Fonte: Autoral



**A** via compartilhada facilita e intenciona o acesso e o fluxo direcionando para a lagoa e para os equipamentos propostos.

**P**raça e deslocamento da área verde atual proposta pelo loteamento, evidenciando e qualificando o acesso à Vila.

**P**assarela elevada facilitando a travessia de pedestres e ciclistas na rodovia e estabelecendo uma conexão com o outro lado que dá acesso às dunas e a à Praia da Cigana.

### Referencial



Figura 85: Ponte pedonal de Santo Antonio  
Fonte: Correcta group

O referencial para a passarela elevada possui estrutura leve, com visão permeável. Sua forma faz com que se insira no entorno.

### LEGENDA

- Via compartilhada
- Trilha de acesso à praia da Cigana
- Recorte proposta macro

**E**quipamento evidenciando o acesso à Vila, buscando dar suporte ao turista e residentes que circulam por meio de atividades de lazer, descanso e comércio.

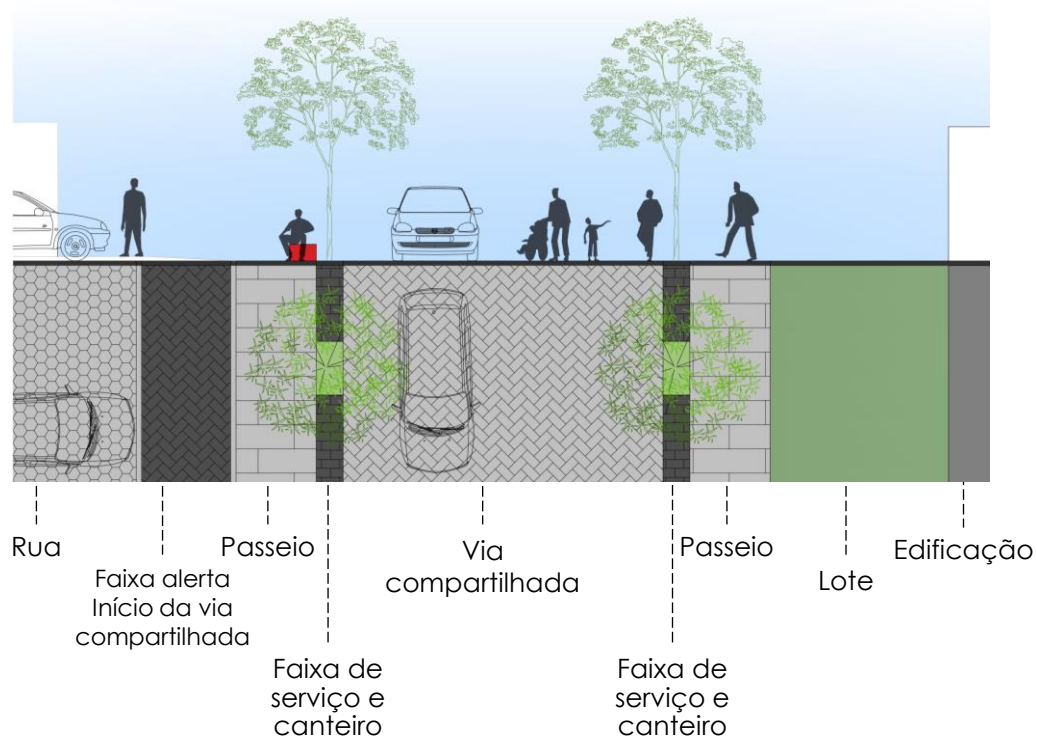
**C**anteiro no meio da rodovia, reduzindo o impacto visual da característica rodoviarista e reduzindo o bloqueio que a rodovia traz para os dois lados da mesma.



## 04 VIA COMPARTILHADA

Procurando trazer uma requalificação para a Vila e intensificar a relação das antigas ocupações com as novas, bem como um fácil acesso à comunidade, é proposto um novo desenho para a rua que marca este contraste nas ocupações, facilitando a integração de equipamentos propostos, com a área de expansão urbana e a comunidade nativa.

Figura 87: Esquema proposta de via compartilhada  
Fonte: Autoral



## 05 PÍER

Atualmente os píeres existentes são utilizados somente para acesso dos pescadores aos barcos. Para trazer um novo espaço de convivência para o recorte que evidencia suas características e paisagem cultural local é proposto um píer com deck de madeira, que se insere na paisagem existente.

### Referencial

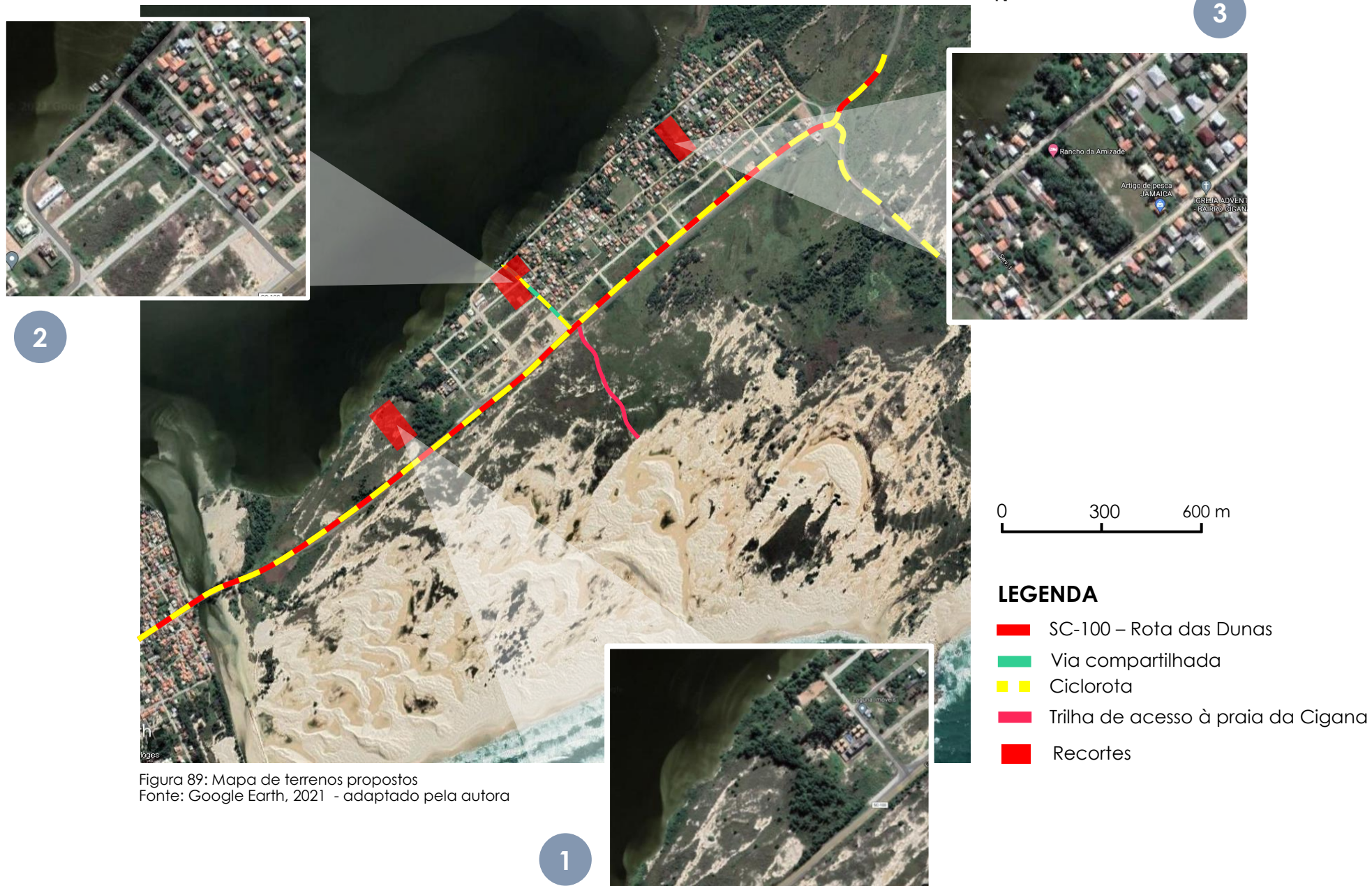


Figura 88: Projeto píer da Praia da Imbetida  
Fonte: Homify

Um estudo ligação dos píers da Praia da Imbetida (RJ), traz um píer com espaço de contemplação da paisagem, pensado com uma arquitetura que faz referência aos galpões de pesca.



# TERRENOS PROPOSTOS



# POTENCIALIDADES X DEFICIÊNCIAS

1

A = 8.030m<sup>2</sup>

1. Ligação direta com a rodovia;
2. Ligação direta com a lagoa;
3. Conexão com a paisagem natural.

1. Ausência de equipamentos no entorno;
2. Sem estrutura rodoviária.

2

A = 8.708,78m<sup>2</sup>

1. Proximidade com a comunidade nativa;
2. Próximo à uma área de expansão urbana;
3. Ligação direta com a Lagoa;
4. Parte integrante da rota turística.

1. Sem acesso direto da rodovia;
2. Ausência de equipamentos no entorno.

3

A = 14.803m<sup>2</sup>

1. Inserido na comunidade;
2. Inserido em local com fluxo maior de turistas;
3. Maior relação com a paisagem cultural.

1. Sem ligação direta com a rodovia;
2. Sem ligação direta com a lagoa;
3. Terreno com construção existente.



# DEFINIÇÃO DO TERRENO

## PROPOSTA MICRO

O terreno escolhido para o desenvolvimento da proposta micro foi o 02, pois apresenta diversos potenciais que implicaram na escolha.

O recorte da proposta micro está localizado próximo à lagoa, possui uma relação direta com a comunidade nativa e com a área de expansão urbana, sendo parte integrante como equipamento da proposta macro. Possui visual privilegiado para a lagoa e para o Farol de Santa Marta.

A escolha foi baseada principalmente na ideia de integrar novos equipamentos à paisagem cultural local, integrando turistas à comunidade e à paisagem natural.

Com a proposta de novo acesso e via compartilhada, o equipamento será um forte atrativo para quem se desloca para a região.

Considerando as condicionantes do terreno, é plano, **sem desníveis** e os ventos predominantes são **Norte**.

$A = 8.708,78m^2$



### LEGENDA

- Via compartilhada
- Ciclorota
- Terreno

0 50 100 m

Figura 90: Localização do terreno  
Fonte: Google Earth, 2021 – adaptado pela autora



## PLANO DIRETOR

Conforme o Plano Diretor do município de Laguna, o recorte está localizado na ZR1 e apresenta os seguintes índices e parâmetros:

PARÂMETROS	PERMITIDO	UTILIZADO
Coeficiente de aproveitamento	0,8	0,2
Taxa de ocupação	40 %	14,66%
Taxa de permeabilidade	30%	46%
Altura máxima	2 pav.	2 pav.
Recuo frontal	3m	+3
Afastamento lateral	3m	+3

Quadro 03: Parâmetros urbanísticos  
Fonte: Autoral – com base no Plano Diretor de Laguna

## PLANO DE MANEJO DA APA

De acordo com o Plano de Manejo, o recorte está localizado em um Zona de Uso Moderado, estabelecido como uma zona constituída por áreas terrestres onde o ambiente natural se encontra moderadamente antropizado. A área é compatível com a ocupação por meio de projetos sustentáveis de baixo impacto, conforme parâmetros definidos em conjunto com os municípios.



Figura 91: Zoneamento Plano de Manejo  
Fonte: Portal ICMBIO e OSM

### LEGENDA

- Linha de costa
- Curva de nível
- Malha viária
- Principal eixo-viário
- Macro-recorte - Vila Cigana
- · - Limite entre Laguna e Jaguaruna
- Zona de Uso Divergente
- Zona de Uso Restrito
- Zona de Produção Rural

# REFERENCIAIS ARQUITETÔNICOS



## 6.1 POUSADA ECOLÓGICA WITKLIPFONTEIN – VREDEFORT, ÁFRICA DO SUL

Localizada em Vredefort, na África do Sul, a pousada foi projetada para se mesclar e desaparecer na natureza. Com uma vista para as planícies, as paisagens panorâmicas oferecidas pelos visuais a partir da pousada permite uma maior relação entre o interior e exterior.

A proposta é referencial pois, além de soluções para inserção na paisagem, utilizou-se de diversos métodos sustentáveis como: telhado verde, construção quase sem cimento, persianas que regulam o calor, tratamento de águas residuais, aquecimento solar da água e produção elétrica fotovoltaica, técnicas vernaculares, entre outros. A edificação está em total harmonia com a paisagem natural e tem destaque no quesito inovação de princípios sustentáveis.



- **ARQUITETOS: GLH ARCHTECTS**
- **ÁREA: 400 M<sup>2</sup>**
- **ANO: 2018**





## 6.2 VENEZUELA: PROTÓTIPO DE HABITAÇÃO PARA PESCADORES



Figuras 95, 96 e 97: protótipo de habitação para pescadores  
Fonte: Archdaily

*“Dada a transcendência do barco conhecido como peñero no perfil do habitante, sendo este o principal transporte e ferramenta de trabalho, foi adicionado o colorido empregado nestes como parte fundamental da expressão formal e da estética resultante na unidade habitacional [...]”*

A proposta é referencial por utilizar do conceito da pesca em vários detalhes é, além disso, buscando evitar qualquer impacto ambiental, é proposto a criação de um pequeno plano urbano que tem como tema principal, a "Sustentabilidade". Para isso, propõe-se um pátio central de energia eólica, o chamado "Pátio do Vento", para, juntamente com as células solares que foram instaladas no protótipo, fornecer energia elétrica a todas as habitações.

Além destas, outras soluções foram adotadas pensando na sustentabilidade e na cultura local.

- **ARQUITETO: ANDRÉS ORELLANA**
- **LOCAL: VENEZUELA**

# PARTIDO

7



# CONCEITUAÇÃO DO PARTIDO

## O QUE É?

Equipamento de hospedagem integrado à um restaurante e espaço para feiras.

## ONDE SE LOCALIZA?

Na Vila Cigana, comunidade pesqueira entre as localidades do Farol de Santa Marta e Balneário Camacho, Laguna – SC.

## QUAIS ATIVIDADES OFERECE?

Um espaço de hospedagem que busca atender e aquecer a demanda turística local, junto à um bistrô, restaurante e espaço para feiras, com o intuito de fortalecer as atividades da pesca artesanal e gastronomia ligada à alimentos provenientes destas atividades.

## QUEM SÃO OS USUÁRIOS?

O equipamento destina-se tanto aos turistas que visitam o local quanto residentes, bem como a venda dos produtos pela própria comunidade.

**CULTURA** DESENVOLVIMENTO  
INSERÇÃO NO SÍTIO  
**PESCA** VISUAIS COMUNIDADE  
**SUSTENTABILIDADE**  
**TURISMO** INTEGRAÇÃO  
**PAISAGEM**



Figura 98: Vila Cigana  
Fonte: Giuliano Figueiredo



# DIRETRIZES



- 1 Trazer uma proposta de arquitetura que se insira no entorno e se relacione com a paisagem cultural e natural;
- 2 Evidenciar os visuais da paisagem;
- 3 Propor uma arquitetura sustentável e de baixo impacto ambiental, respondendo as exigências estabelecidas pelo zoneamento do Plano de Manejo da APA da Baleia Franca;
- 4 Fornecer, por meio dos equipamentos propostos, atividades que relacionem a comunidade nativa com os turistas;
- 5 Requalificar os espaços através da integração dos equipamentos com áreas públicas, trazendo vitalidade diurna e noturna para a região, seja em épocas de alta temporada ou não;
- 6 Inserir a comunidade nas novas propostas através de usos que incentivem o comércio local e soluções que façam com que os moradores se apropriem do espaço.

# PROGRAMA DE NECESSIDADES

	SETOR	AMBIENTE	QTD.	USUÁRIOS	PRÉ DIMENSIONAMENTO (m²)
TERRENO 01 - FEIRA	Vendas	Quiosques	5	Comerciantes/público	45
TERRENO 02 - RESTAURANTE	Restaurante	Hall+ Recepção	1	Público	30
		Salão de mesas	1	Público	200
		Sanitários (Masc., fem. e PNE)	1	Público	30
		Sanitários (Masc., fem. e PNE)	1	Funcionários	30
		Cozinha	1	Funcionários	30
		Depósito alimentos	1	Funcionários	9
		Depósito material de limpeza	1	Funcionários	5
TERRENO 03 - HOSPEDAGEM	Administrativo	Recepção	1	Hóspedes	8
		Gerência	1	Funcionários	8
		Lavabo acessível	1	Funcionários	6
	Bistrô	Cozinha	1	Funcionários	30
		Depósito alimentos	1	Funcionários	9
		Sanitários (Masc., fem. e PNE)	1	Público	40
		Salão de mesas	1	Público	80
	Hospedagem	Tipologia 01 - PNE	1	Hóspedes	40
		Tipologia 02 - Casal	3	Hóspedes	40
		Tipologia 03 - Família	4	Hóspedes	60
	Social	Espaço convivência	1	Hóspedes	60
		Espaço holístico	1	Hóspedes	80

# ZONEAMENTO

O zoneamento estabelecido tem o objetivo de integrar os equipamentos propostos, estabelecer conexão com a comunidade e potencializar os visuais da paisagem natural e cultural.

Os equipamentos possuem relação com os espaços públicos gerados e com a via compartilhada proposta, bem como com píer.

## LEGENDA

- Restaurante - Público
- Estacionamentos
- Espaço comunitário - feiras
- Setor Administrativo
- Bistrô - Público
- Hospedagens
- Espaço coletivo - Privado
- Pré-existências
- Espaços públicos
- Via compartilhada
- Conexões
- Relação com os espaços públicos

0 30 60 m



Figura 99: Zoneamento  
Fonte: Autoral



# ESTUDOS CONCEITUAIS DA PROPOSTA



Figura 100: Galpões de pesca - Farol  
Fonte: Núcleo de Turismo – adaptado



Figura 101: Paisagem cultural Vila Cigana  
Fonte: Autoral

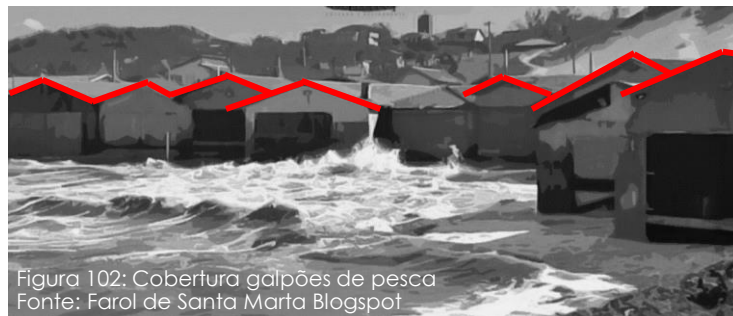


Figura 102: Cobertura galpões de pesca  
Fonte: Farol de Santa Marta Blogspot



A ideia conceitual da proposta parte de uma análise das ocupações marcadas pela **paisagem cultural** local relacionada à pesca, com os **galpões** e coberturas de barcos que aparecem na borda da lagoa.

Soluções de implantação foram pensadas também baseadas na **implantação** dos galpões, rotacionadas de forma a se voltar para a paisagem, contemplando os **visuais**, bem como grandes aberturas, garantindo também iluminação natural e ventilação.

A **forma** e a **materialidade** buscam inserir a arquitetura no sítio, com uma arquitetura que adota soluções de **baixo impacto ambiental**, trazendo **sustentabilidade**.

As coberturas foram pensadas de forma que remetessem a ideia conceitual do **telhado** vinda dos galpões de pesca.



Conforme o programa de necessidades e o zoneamento estabelecido, foram dispostos os setores de maneira a integrar os equipamentos e se relacionar com o entorno, a comunidade e paisagem.

### LEGENDA

#### TERRENO 01

Quiosques - feiras

#### TERRENO 02

Restaurante

Estacionamento Público

Pista simulador de surf

#### TERRENO 03

Estacionamento Privativo

Área comum

Espaço holístico

Setor Administrativo

Bistrô

Tipologia 01 - PNE

Tipologia 02 - Casal

Tipologia 03 - Família

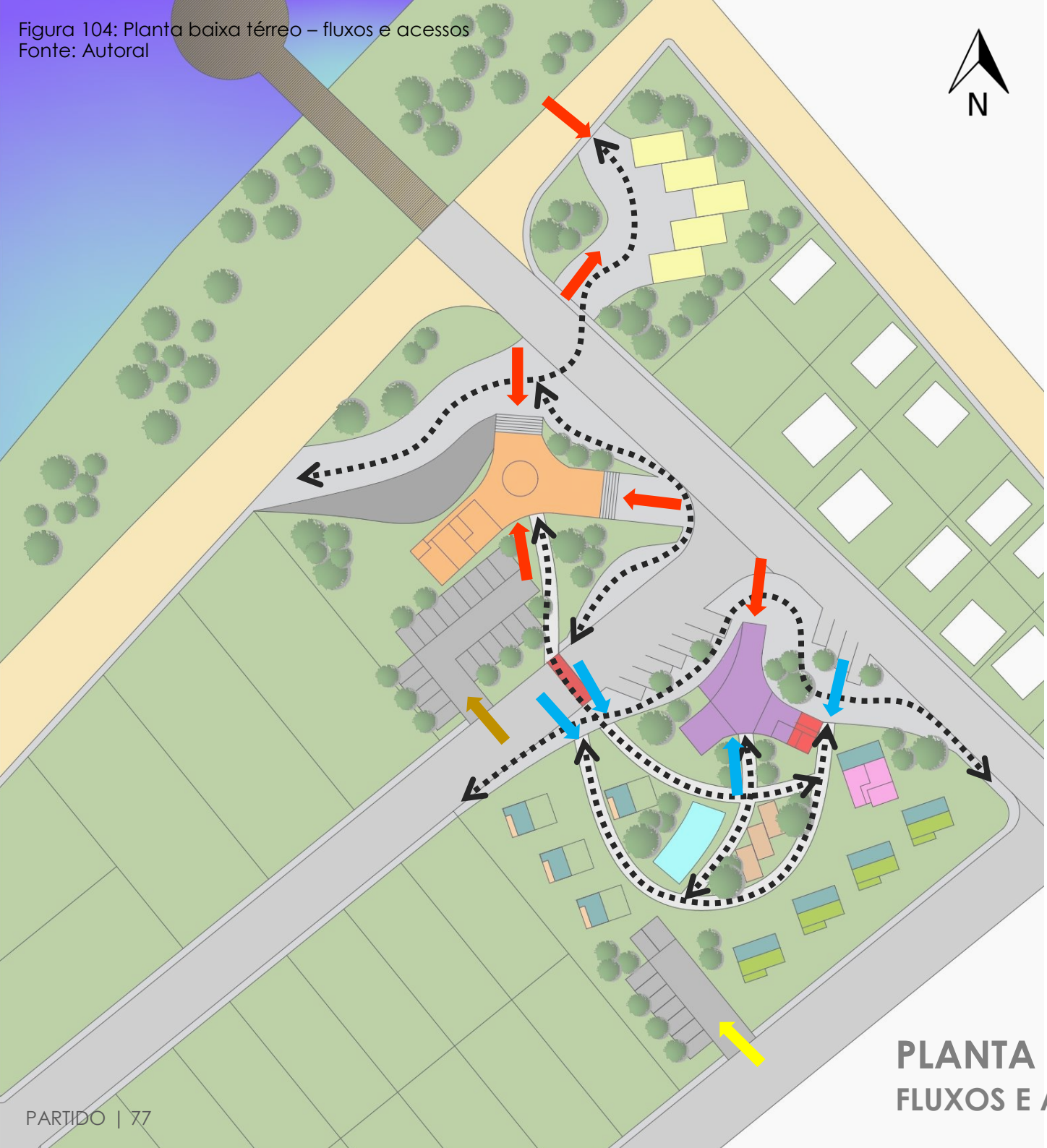
Espaço comum privativo (hóspedes)

0 30 60 m

## PLANTA BAIXA TÉRREO SETORIZAÇÃO



Figura 104: Planta baixa térreo – fluxos e acessos  
Fonte: Autoral

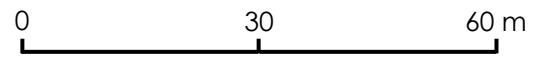


Foram definidos os acessos a partir da implantação, buscando sempre a valorização da paisagem e relação com o entorno, foram estabelecidos a partir de eixos de fluxos propostos.

Os acessos públicos valorizam as esquinas e os espaços públicos. Os acessos de serviço se dão por acesso secundários nas áreas de serviço e administrativo.

LEGENDA

- Acesso pedestres - Público
- Acesso pedestres - Privado
- Acesso veículos - Público
- Acesso veículos - Privado
- Fluxos



PLANTA BAIXA TÉRREO  
FLUXOS E ACESSOS





No segundo pavimento localizam-se as hospedagens do tipo casal e família, com o objetivo de manter o visual para a lagoa sem barreiras visuais.

### LEGENDA

#### TERRENO 03

- Tipologia 02 - Casal
- Tipologia 03 - Família
- Espaço comum privado (hospedagens)

0 30 60 m

## PLANTA BAIXA 2º PAVIMENTO SETORIZAÇÃO

# VOLUMETRIA



Figura 106: Perspectiva  
Fonte: Autoral



1



Figura 107: Espaço comunitário  
Fonte: Autoral

## ESPAÇO COMUNITÁRIO

Espaço comunitário com estrutura para feiras, onde a forma, materialidade e implantação buscam trazer o conceito dos galpões de pesca, remetendo à paisagem cultural do local. Destina-se à venda de produtos produzidos pela própria comunidade, como por exemplo, a pesca.

3



Figura 109: Perspectiva  
Fonte: Autoral

## RESTAURANTE

Assim como o bistrô, o restaurante, de uso público, possui forma e implantação estratégica, de maneira a estabelecer uma conexão com o entorno. As aberturas na área do salão de mesas fornecem visual para lagoa, paisagem marcante do recorte.

2



Figura 108: Bistrô  
Fonte: Autoral

## BISTRÔ

Equipamento destinado ao público em geral, o bistrô foi pensado de forma que gerasse uma conexão com os espaços públicos, a esquina, o restaurante, a comunidade e a hospedagem, bem como os visuais para a lagoa. A cobertura de madeira laminada colada marca a forma dos equipamentos de uso comum.

4

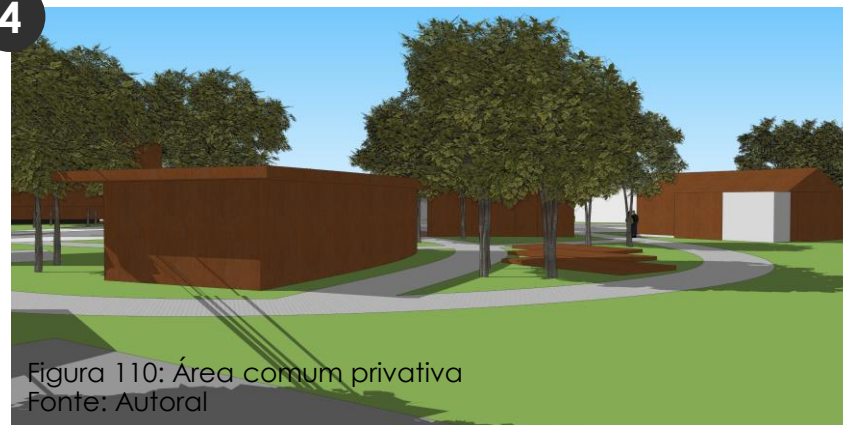


Figura 110: Área comum privativa  
Fonte: Autoral

## ÁREA COMUM PRIVATIVA - HÓSPEDES

A área comum privativa para os hóspedes se localiza no miolo do terreno, onde estabelece conexão com todas as unidades de tipologias. Oferece decks de atividades livres e um espaço holístico.



5



Figura 111: Estacionamentos  
Fonte: Autoral

## ESTACIONAMENTOS

Buscando diminuir o impacto dos estacionamentos comuns, tem-se a proposta de estacionamentos com piso permeável, com baixo impacto no solo, bem como plantio de árvores que proporcionam sombreamento e diminuem o impacto visual da área.

7



Figura 113: Tipologia 02 - Casal  
Fonte: Autoral

## TIPOLOGIA 02 - CASAL

Totalizando 4 tipologias do tipo casal, com capacidade de 2 pessoas cada, a volumetria busca trazer a mesma ideia conceitual de todas as tipologias, onde a forma remete aos galpões de pesca. O térreo permeável com vegetação nativa e areia de dunas cria um espaço de lazer para os hóspedes. Os visuais são evidenciados através da implantação estratégica.

6



Figura 112: Tipologia 01 - PNE  
Fonte: Autoral

## TIPOLOGIA 01 - PCD

A unidade de hospedagem para pessoas com deficiência localiza-se totalmente no térreo e próxima ao acesso principal. A implantação e localização favorece o visual para a lagoa, considerando como sendo a única tipologia térrea. Possui capacidade de até 6 hóspedes.

8



Figura 114: Tipologia 03 - Família  
Fonte: Autoral

## TIPOLOGIA 03 - FAMÍLIA

Totalizando 4 unidades do tipo família, com capacidade de até 6 pessoas, os ambientes no pavimento superior favorecem o visual para a lagoa, assim como na tipologia casal. No térreo concentram-se ambientes sociais da tipologia. A forma e implantação também seguem a mesma proposta conceitual.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O planejamento da paisagem para o turismo pode transformar a percepção sobre um determinado local. O aumento da demanda turística acarreta em transformações na economia e na sociedade, podendo ou não trazer benefícios para uma região.

Neste trabalho, por meio de estudos da paisagem em diferentes escalas, tem-se a discussão da relação desta paisagem com o turismo e de que maneira as novas ocupações podem se inserir e valorizar a paisagem natural e cultural, sem que a agrida, em uma proposta com princípios sustentáveis que qualifiquem as cidades e a relação dos indivíduos com o espaço e suas transformações.

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANJA, N.A.; ALMEIDA, I.D. **Turismo e sustentabilidade**. COGITUR. p. 15-31. 2009.

BONETTI, Taciana. **Discutindo a gestão urbana de áreas costeiras: o caso do Farol de Santa Marta/Laguna-SC**. 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/95354>> Acesso em: 12 mar 2021.

BRASIL, **Lei nº 7.661, de 16 de maio de 1998. Institui o Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro e dá outras providências**. Brasília, DF.

DIAS, R; AGUIAR, M. R. **Fundamentos do turismo**: conceitos, normas e definições. Campinas: Alínea, 2002.

DIETRICH, S. **Rotas turísticas para o município de Itaara-RS: Uma leitura da paisagem e do lugar**. Santa Maria, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/handle/1/9339>>. Acesso em: 20 abril 2021.

LYNCH, Kevin. **The image of the city**. Cambridge: The M.I.T. Press, 1960.

MAXIMIANO, L. **Considerações sobre o conceito de paisagem**. RAEGA, Curitiba, nº 8, p. 83-91, 2004.

MMA/IBAMA, **Plano de Manejo da Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca**. 2018. Disponível em: <[https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/plano-de-manejo/plano\\_de\\_manejo\\_apda\\_baleia\\_franca.pdf](https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/plano-de-manejo/plano_de_manejo_apda_baleia_franca.pdf)> Acesso em: 05 abril 2021.

OLIVEIRA, Julio. **A dinâmica e a evolução costeira do litoral ao sul do Cabo de Santa Marta, Estado de Santa Catarina**. 2019. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/195791/001094889.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 22 março 2021

ROCHA, Y. **Teoria geográfica da paisagem na análise de fragmentos de paisagens urbanas de Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro**. Revista formação, nº 15, vol. 1, p. 19-35, 2008.

RIBEIRO, R. **Paisagem Cultural e Patrimônio**. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/SerPesDoc1\\_PaisagemCultural\\_m.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/SerPesDoc1_PaisagemCultural_m.pdf)>. Acesso em: 22 abril 2021.

SAUER, C. **La morfología del paisaje**. POLIS, nº 15, 2006.

SCIFONI, Simone. Paisagem cultural. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbetes). ISBN 978-85-7334-299-4.

SCOFANO, G. **A elaboração de planos de gestão da paisagem cultural brasileira como subsídio à proteção do patrimônio arqueológico: o caso da “Ilha de Laguna” - SC**. 2012. Disponível: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Disserta%2B%C2%BA%2B%C3%BAo%20Guilherme%20Butter%20Scofano.pdf>>. Acesso em: 22 abril 2021.

TURISMO, Organização Mundial. Introdução ao Turismo. 2010. Disponível em: <[http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_publicacoes/Marcos\\_Conceituais.pdf](http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Marcos_Conceituais.pdf)> Acesso em: 20 março 2021

YÁZIGI, E. **Turismo e Paisagem**. São Paulo: Pinsky, 2002.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1997



